



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS
XI PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL –
PPGIES

EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA

**O ENSINO DA LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE
PSICÓLOGOS BILÍNGUES NO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA
BAHIA**

Serrinha-BA
2023

EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA

**O ENSINO DA LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE
PSICÓLOGOS BILÍNGUES NO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA
BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Intervenção Educativa e Social da Universidade do Estado da Bahia Campus XI, no âmbito da Linha de Pesquisa Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária, como requisito para obtenção do título de Mestre em Intervenção Educativa e Social na Área de Concentração Educação, Sociedade e Intervenção.

Orientadora: Professora Dr^a. Cláudia Regina de O. Vaz Torres.

Serrinha-BA
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Maria Claudete Marques Barbosa Estrelâ CRB
5/806

C838e Costa, Emile Cristina do Nascimento
O ensino da libras e suas contribuições para a formação de psicólogos bilíngues no Campus I da Universidade do Estado da Bahia./ Emile Cristina do Nascimento Costa. Serrinha, 2023.
111fls.: il.;

Orientadora: Dr^a Cláudia Regina de O. Vaz Torres

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Intervenção Educativa e Social - MPIES, Campus XI. 2023.

1. Psicologia - estudo ensino . 2. Psicologia -.Libras. 3. Psicólogos - Formação profissional - Universidade do Estado da Bahia. I. Torres, Cláudia Regina de O. Vaz. II. Universidad do Estado da Bahia.


CDD 150.7

FOLHA DE APROVAÇÃO

"O ENSINO DA LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS BILÍNGUES NO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA "

EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA

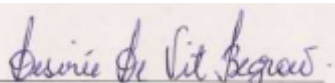
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL – MPIES, em 18 de dezembro de 2023, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Intervenção Educativa e Social pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

 CLAUDIA REGINA DE OLIVEIRA VAZ TORRES
Data: 18/12/2023 16:37:52-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a CLÁUDIA REGINA DE OLIVEIRA VAZ TORRES – UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia
Orientador

Marcia Torres Neri Soares.

Profa. Dra. MARCIA TORRES NERI SOARES – UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Examinador Interno



Profa. Dra. DESIRÉE DE VIT BEGROW – UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Examinador Externo

Aprovada em: 18/12/2023

Dedico este trabalho à comunidade surda brasileira, a qual me acolheu e permitiu conhecer um pouco da sua cultura e identidade. Pensando em contribuir para que a Psicologia seja mais efetiva com as pessoas surdas é que me empenhei em realizar esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ser a minha fonte de força e inspiração. Foi Ele quem me abriu esta porta e me conduziu durante toda a caminhada. Obrigada, meu Senhor! A Ti toda honra, glória e louvor!

Ao meu amado marido, Ítalo Costa, pelo suporte e compreensão durante esse período tão intenso. Obrigada por compreender a minha ausência em vários momentos e suportar os meus dias difíceis. Nenhuma palavra seria suficiente para expressar a importância que você tem na minha vida.

Aos meus pais, Roberto e Cristina, por não pouparem esforços para investir na minha educação e me fazerem acreditar que eu seria capaz de alcançar qualquer sonho. Essa conquista também é de vocês!

Às minhas irmãs, Ester e Élen, por serem minhas companheiras de vida. Obrigada por sempre torcerem por mim e por se fazerem presentes, apesar da distância. Amo vocês!

À minha sobrinha Zoe que, com o seu nascimento, trouxe um novo ânimo para minha vida. Mesmo tão pequena, me fez ter forças para prosseguir.

À minha querida orientadora, Dr^a Cláudia Vaz, que representa muito mais do que isso para mim, por todo incentivo desde quando nos encontramos pela primeira vez. Obrigada, não apenas pelo conhecimento compartilhado, mas sobretudo pela sua humanidade e empatia. Sempre acreditou no meu potencial e não me deixou desistir durante este percurso. Você é um presente de Deus na minha vida!

Aos meus queridos amigos e familiares, por todo o encorajamento e torcida. Vocês tornam a minha vida mais leve!

Aos meus amados irmãos da igreja, pelas orações e sustento ao longo de cada fase que vivi até hoje. Agradeço a Deus por fazer parte dessa família da fé!

À família Barros, que me acolheu sempre que precisei de abrigo e suporte na cidade de Serrinha-Ba. Vocês terão sempre um lugar especial no meu coração!

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pelo financiamento ao longo destes dois anos.

Aos participantes da pesquisa, pela disponibilidade, mesmo com as suas atividades intensas. Sem vocês esta pesquisa não aconteceria.

À minha querida amiga, Thaiana Ferreira, presente do PPGIES, por toda ajuda e suporte na realização do meu projeto de intervenção.

Às queridas professoras, Dr^a Sandra Célia e Dr^a Ivonete Amorim, pelo compromisso e pela competência com que coordenam este programa.

A todos os colegas de turma e professores do PPGIES, pela parceria ao longo destes dois anos. Em especial, à banca avaliadora, em nome das professoras Dr^a. Márcia Torres e Dr^a Desirée Begrow. Cada troca foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

A todos que acreditaram em mim e fazem parte da minha história, meu muito obrigada!

“Ao Rei eterno, o Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém. (1Tm 1:17)”

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

LBI – Lei Brasileira de Inclusão

CFP – Conselho Federal de Psicologia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

Lista de quadros

Quadro 1 – Estado da Arte.....	18
Quadro 2 - Fases da pesquisa-ação	40
Quadro 3 - Perfil dos participantes	43
Quadro 4 - Cronograma das oficinas de Libras	45
Quadro 5 - Novo cronograma das oficinas de Libras.....	56
Quadro 6 – Identificação dos Participantes	58
Quadro 7 – Cronograma	65
Quadro 8 – Novo cronograma	66
Quadro 9 - Informações das participantes das Oficinas de Libras	68

Lista de Figuras

Figura 1 - Definições sobre a experiência com as oficinas de Libras.....	60
Figura 2 - Contribuições acerca das oficinas	61
Figura 3 – Material utilizado na primeira oficina.....	68
Figura 4 – Material utilizado na segunda oficina.....	70
Figura 5 – Relato das participantes das oficinas	71
Figura 6 – Observações das participantes acerca das oficinas	72

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Relevância das oficinas	60
Gráfico 2 – Opinião das participantes sobre a oficina.....	71

RESUMO

Esta pesquisa intitulada “O ensino da Libras e suas contribuições para a formação de psicólogos bilíngues no campus I da universidade do estado da Bahia” teve como objetivo principal compreender a percepção de estudantes de Psicologia sobre a importância do ensino da Libras durante a formação profissional. A formação bilíngue está relacionada à habilidade de usar as duas línguas (Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa), em diferentes graus de competência nas línguas, com desempenhos diferentes em função do contexto e do propósito comunicativo. A realidade ainda expõe o distanciamento entre a Psicologia e os Estudos Surdos, mesmo essa tendo na base da sua fundamentação discussões sobre direitos humanos, diversidade e inclusão social. Diante disso, alguns questionamentos surgiram na elaboração desta pesquisa, tais como: os profissionais de Psicologia têm consciência da importância de se qualificarem para a prestação de serviços a pessoas surdas? O contato durante o processo formativo com a Língua Brasileira de Sinais é o suficiente para habilitar, minimamente, os futuros psicólogos? Desse modo, despontou a seguinte questão norteadora para a realização deste trabalho: quais são as implicações do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante o processo formativo na percepção dos estudantes de Psicologia do Campus I da UNEB? A fim de respondê-la, os objetivos específicos foram: apresentar o mapeamento das produções acadêmicas encontradas relacionadas com Psicologia e surdez; investigar a concepção que os estudantes possuem sobre surdez, identidade e cultura surdas; identificar como os estudantes de Psicologia compreendem o papel do psicólogo no atendimento às pessoas surdas; e promover oficinas de Libras para os estudantes do Curso de Psicologia. A fundamentação teórica respaldou-se em Dalcin (2009); Quadros (2007), na discussão sobre Surdez e Libras; Skliar (2005); e Perlin e Strobel (2014), que trouxeram grande contribuição para o aprofundamento do tema proposto. Sobre a Psicologia sócio-histórica e Subjetividade, Bock (2001) e Vygotski (1991) foram imprescindíveis para a consolidação da base teórica do estudo. Em relação às áreas da Educação e Inclusão Social, Gadotti (2012) fez-se indispensável para a promoção do diálogo proposto neste trabalho. O percurso metodológico da pesquisa caracterizou-se como sendo de natureza qualitativa e exploratória, fundamentado em uma abordagem empírica sobre a importância do ensino da Libras na formação de psicólogos bilíngues, a partir da compreensão de que a Psicologia tem o compromisso com a acessibilidade e inclusão dos mais diversos grupos sociais, em especial das pessoas surdas. O projeto de pesquisa foi submetido ao comitê de ética com parecer favorável número 68369123.0.0000.0057. Os resultados apontaram o distanciamento entre os estudantes de psicologia e os surdos. As pessoas ouvintes tendem a reduzir a Libras a alguns gestos ou sinais básicos, sem imaginar a complexidade da língua. Os 12 participantes da pesquisa foram unânimes ao afirmarem que sentem a necessidade de um ensino mais consistente da Língua Brasileira de Sinais durante a graduação. O produto interventivo foi um relatório técnico, que será entregue ao Colegiado do Curso de Psicologia da UNEB (Campus I), a fim de que a intervenção seja reaplicada, impactando diretamente na formação de psicólogos na instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; Libras; subjetividade; formação; relatório técnico.

ABSTRACT

This research entitled “The teaching of Libras and its contributions to the training of bilingual psychologists on campus I of the university of the state of Bahia” had as its main objective to understand the perception of Psychology students about the importance of teaching Libras during their professional training. Bilingual training is related to the ability to use both languages (Brazilian Sign Language and Portuguese), with different degrees of competence in the languages, with different performances depending on the context and communicative purpose. The reality still exposes the gap between Psychology and Deaf Studies, even though its foundation is based on discussions about human rights, diversity and social inclusion. Given this, some questions arose in the preparation of this research, such as: are Psychology professionals aware of the importance of qualifying themselves to provide services to deaf people? Is contact during the training process with the Brazilian Sign Language enough to minimally qualify future psychologists? Thus, the following guiding question emerged for carrying out this work: what are the implications of teaching Brazilian Sign Language (Libras) during the training process in the perception of Psychology students at UNEB Campus I? In order to answer it, the specific objectives were: to present the mapping of academic productions found related to Psychology and deafness; investigate the conception that students have about deafness, deaf identity and culture; identify how Psychology students understand the role of the psychologist in caring for deaf people; and promote Libras workshops for Psychology Course students. The theoretical foundation was supported by Dalcin (2009); Quadros (2007), in the discussion about Deafness and Libras; Skliar (2005); and Perlin and Strobel (2014), who made a great contribution to the deepening of the proposed theme. Regarding socio-historical Psychology and Subjectivity, Bock (2001) and Vygotski (1991) were essential for consolidating the theoretical basis of the study. In relation to the areas of Education and Social Inclusion, Gadotti (2012) was indispensable for promoting the dialogue proposed in this work. The methodological path of the research was characterized as being qualitative and exploratory in nature, based on an empirical approach to the importance of teaching Libras in the training of bilingual psychologists, based on the understanding that Psychology is committed to accessibility and inclusion of the most diverse social groups, especially deaf people. The research project was submitted to the ethics committee with favorable opinion number 68369123.0.0000.0057. The results showed the gap between psychology students and deaf students. Hearing people tend to reduce Libras to a few basic gestures or signs, without imagining the complexity of the language. The 12 research participants were unanimous in stating that they feel the need for more consistent teaching of Brazilian Sign Language during their undergraduate studies. The intervention product was a technical report, which will be delivered to the Board of the Psychology Course at UNEB (Campus I), so that the intervention can be reapplied, directly impacting the training of psychologists at the institution.

KEYWORDS: Psychology; Pounds; subjectivity; training; technical report.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. PSICOLOGIA E SURDEZ: INTERFACES E DESAFIOS NA LITERATURA	17
3. SURDOS E SURDEZ	25
3.1 A LIBRAS E O DIREITO LINGUÍSTICO DOS SURDOS.....	27
4. PROCESSO FORMATIVO: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE PSICOLOGIA	31
4.1 O CURRÍCULO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNEB.....	36
5. DESCREVENDO O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	38
5.1 A PESQUISA APLICADA COM ELEMENTOS DA PESQUISA-AÇÃO.....	39
5.2 PESQUISA DE CAMPO.....	41
5.3 CONTATO INICIAL COM OS ESTUDANTES.....	42
5.4 ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	43
5.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	44
5.6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	44
6. O PERCURSO DA PESQUISA DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL: IMPRESSÕES A PARTIR DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE BARDIN	46
6.2 O QUE É LIBRAS? – UMA ANÁLISE SOBRE O ENTENDIMENTO DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA EM RELAÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	46
6.2 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LIBRAS DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	50
6.3 A APLICAÇÃO DAS OFICINAS DE LIBRAS.....	56
7. PRODUTO	62
7.1 RELATÓRIO TÉCNICO.....	63
7.1.1 Introdução.....	63
7.1.2 Operacionalização das oficinas de Libras.....	64
7.1.3 Análise e discussão dos dados obtidos.....	71
7.1.4 Registros das oficinas.....	73
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A - ENTREVISTA	85
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	

.....	87
APÊNDICE C – PARECER SUBSTANCIADO - CEP	90
APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	94
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS OFICINAS DE LIBRAS..	96
ANEXOS.....	97
ANEXO I - PROJETO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL	97

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus XI, em Serrinha/Ba, buscou suscitar a discussão entre a Psicologia e a Surdez, revelando as complexidades, os avanços e os desafios na aproximação destas áreas ainda pouco exploradas. Desse modo, procurou compreender a Língua Brasileira de Sinais, Libras, como uma língua que possui estrutura gramatical peculiar e, assim como as línguas orais, está classificada em níveis linguísticos: fonológico, morfossintático, semântico e pragmático.

A Libras preenche todos os requisitos que a estabelece como uma língua, sendo reconhecida pela linguística como viva e independente (Ramos, 2004). As especificidades da Libras podem ser vistas por meio dos parâmetros que norteiam a língua: são cinco parâmetros que fazem da Libras uma língua singular e eficaz na comunicação dos surdos, sendo eles a configuração das mãos, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e a expressão facial e/ou corporal (Ramos, 2004). Tal organização linguística reforça a importância de respeitar e validar a Libras como língua que circula pelo território nacional e que se caracteriza como a língua de um povo que deve ter seu direito cidadão respeitado.

Nesse sentido, o tema relacionado à Surdez, à Libras e à inclusão de pessoas surdas é de extrema importância, uma vez que existem mais de dez milhões de pessoas surdas no Brasil, de acordo com a estatística do IBGE (2022). Mesmo com um número tão expressivo, ainda é possível notar todo o sofrimento que marca a história dos surdos brasileiros, já que, durante décadas, foram vistos como pessoas fora dos padrões considerados normais e que, então, deveriam ser afastadas da sociedade.

O fato de a expressão ocorrer de maneira diferente da oral/falada em português, como acontece com as pessoas ouvintes, é o maior fator para gerar estranhamento e preconceito com a comunidade surda. Foi diante desta realidade que se estruturou uma língua que fortalecesse expressões e interações mais assertivas, principalmente, entre os surdos e seus familiares, ou seja, a Língua de Sinais. A Língua Brasileira de Sinais – Libras – foi reconhecida nacionalmente como a Língua dos surdos brasileiros no ano de 2002, através da Lei 10.436/2002 (Brasil, 2002).

Assim, esta pesquisa buscou identificar aspectos relacionados às questões

linguísticas, sociais e culturais, revelados por meio da Libras e do seu significado para a sua comunidade. Cabe destacar que a linguagem ocupa um lugar de destaque no desenvolvimento humano, bem como na construção da sua subjetividade. Tal constatação importa para as novas formas de interações e formações de profissionais, sobretudo de psicólogos, a fim de conhecerem as especificidades desse grupo social, tornando-se capaz de acolher as necessidades das pessoas surdas.

Ampliar a discussão sobre a psicologia bilíngue foi uma das maiores preocupações nesta dissertação, haja vista que essa se faz de total importância para capacitar e elucidar os conhecimentos advindos da psicologia para o atendimento adequado às pessoas com deficiência auditiva e/ou surdos de forma mais acessível.

O tema escolhido para esta pesquisa foi devido às minhas motivações e interesses como pesquisadora. Em 2017, iniciei um curso de Libras e, desde então, tenho me dedicado a estudar e compreender esta língua. Após participar de alguns eventos destinados às pessoas surdas, tive a oportunidade de me aproximar da comunidade e, por muitas vezes, durante conversas, percebia a indignação dos surdos por não encontrarem psicólogos bilíngues que pudessem prestar-lhes serviços. Tal fato causou-me grande inquietação, o que me conduziu ao desenvolvimento de estudos sobre a temática, a fim de ofertar a relevância da psicologia bilíngue no ambiente terapêutico, especialmente com pessoas surdas.

É crucial ressaltar que a psicologia, por muito tempo, absorveu o discurso clínico do surdo como “enfermo”, incluindo-o no rol das deficiências, sendo descrito como “incapaz”, “impossibilitado”, “defeituoso”, “inferior”, etc., resultando na designação de “deficiente auditivo” (Dalcin, 2009). Outras designações foram impostas, como “surdo-mudo” ou, simplesmente, “mudo”, desconsiderando que os surdos não apresentam complicação nos órgãos fonoarticulatórios, isto é, na língua, palatos e lábios, logo, produzem voz. Além disso, por falarem em línguas de sinais, não são mudos. Toda essa confusão ocorre desde a etimologia da palavra surdo, que tem origem no latim (*surdus*) e no grego (*kophós*), denominativo de uma situação dupla: homem que não escuta e homem que não é entendido (Dalcin, 2009).

O decreto 5626/2005 regulamentou a Lei Federal 10.436, em 2002, (Brasil, 2002) pelo Congresso Nacional, a qual reconheceu a Libras como meio de comunicação e expressão das pessoas surdas do Brasil, determinando que o poder público se empenhasse no apoio e na difusão do seu uso, e que as instituições

públicas prestassem atendimento aos surdos em Libras. Estabeleceu, também, que os sistemas educacionais incluíssem o ensino da Libras como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos cursos de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, e no Ensino Médio e Superior (De Souza; Porrozzi, 2017). No entanto, tais medidas ainda parecem não causar tanto impacto, o que leva os surdos brasileiros a continuarem a lutar por uma educação bilíngue, com mais políticas para a língua de sinais no país, visando a uma posição de igualdade, para que os seus direitos sejam validados (Perlin; Strobel, 2014).

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, alguns questionamentos surgiram, tais como: os profissionais de Psicologia têm consciência da importância de se capacitarem para a prestação de serviços com pessoas surdas? O contato durante o processo formativo com a Língua Brasileira de Sinais é o suficiente para capacitar, minimamente, os futuros psicólogos? Desse modo, a questão norteadora levantada para a realização deste trabalho foi: quais são as implicações do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante o processo formativo na percepção dos estudantes de Psicologia do Campus I da UNEB?

O objetivo principal deste trabalho foi compreender a percepção de estudantes de Psicologia da UNEB (Campus I) sobre a importância do ensino da Libras durante a formação profissional. Em relação aos objetivos específicos, esses foram:

- a) Apresentar o mapeamento das produções acadêmicas encontradas relacionadas com Psicologia e surdez;
- b) Investigar a concepção que os estudantes possuem sobre surdez, identidade e cultura surdas;
- c) Identificar como os estudantes de Psicologia compreendem o papel do psicólogo no atendimento às pessoas surdas;
- d) Promover oficinas de Libras para os estudantes do Curso de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia – Campus I, na cidade de Salvador.

Os fundamentos teóricos na discussão sobre Surdez e Libras estão ancorados em Dalcin (2009), Quadros (2007), Skliar (2005), e Perlin e Strobel (2014), autores que trouxeram grande contribuição para o aprofundamento do tema proposto. Sobre a Psicologia sócio-histórica e a Subjetividade, Bock (2001) e Vygotski (1991) foram imprescindíveis para a consolidação da base teórica do estudo. Por fim, em relação

às áreas da Educação e Inclusão Social, Gadotti (2012) fez-se indispensável para a promoção do diálogo proposto neste trabalho.

O desenho metodológico da pesquisa caracterizou-se como sendo de natureza qualitativa e exploratória, fundamentada em uma abordagem empírica sobre a importância do ensino da Libras na formação de psicólogos bilíngues, a partir da compreensão de que a Psicologia tem o compromisso com a acessibilidade e a inclusão dos mais diversos grupos sociais, em especial das pessoas surdas. Ademais, a pesquisa é de natureza aplicada com elementos da pesquisa-ação.

Para a realização deste trabalho, um projeto de intervenção foi desenvolvido, tendo como objetivo geral desenvolver oficinas de Libras no formato de grupo de discussão com os estudantes de Psicologia da UNEB, Campus I, visando despertar a importância de uma formação bilíngue, a partir da perspectiva da inclusão social. Como objetivos específicos deste projeto de intervenção, tem-se: sensibilizar os participantes sobre a importância do conhecimento em Libras e dos estudos surdos durante a formação profissional; potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia Bilíngue e suas implicações; fomentar um diálogo efetivo em Libras, a nível básico.

A ação interventiva contou com a participação de 12 estudantes do serviço de psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus I, em Salvador. O objetivo principal da intervenção foi construir um relatório técnico, entregue ao colegiado do curso de Psicologia, o qual apresenta o resultado das atividades realizadas, bem como promove a reflexão sobre os currículos do curso, os quais, embora sejam alicerçados nas temáticas sobre os direitos humanos e diversidade, ainda não oferecem a formação em Libras durante o percurso formativo. Assim, embora a disciplina vigore em caráter obrigatório, a carga horária não é suficiente para garantir uma formação bilíngue. Desse modo, por meio do relatório gerado, torna-se possível a reaplicação da intervenção. O projeto de pesquisa foi submetido ao comitê de ética com parecer favorável número 68369123.0.0000.0057.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos teóricos: o primeiro capítulo trata-se de um texto introdutório, e o segundo aborda a relação entre Psicologia e Surdez, os estudos realizados na área, o atendimento psicológico com pessoas surdas e o impacto da linguagem na constituição da subjetividade humana. Em seguida, o terceiro capítulo discute as características da Língua Brasileira de Sinais,

a cultura e a identidade surdas. Por fim, o quarto capítulo traz os caminhos metodológicos da pesquisa de intervenção educativa e social, a pesquisa aplicada com elementos da pesquisa-ação, o lócus da pesquisa, os participantes, o contato com os participantes, as atividades realizadas e a proposta de intervenção.

Dessarte, o projeto de intervenção surge como uma crítica à exclusão social sofrida pela pessoa surda, configurando-se como um fator de adoecimento emocional e podendo gerar transtornos psicológicos graves, haja vista que a interação social se constitui como um aspecto fundamental para o desenvolvimento natural do ser humano. Dessa forma, intervir junto aos estudantes de psicologia, com o intuito de aproximá-los desta necessidade, justifica-se a partir do viés da inclusão social, a qual impacta diretamente no desenvolvimento de estudos que tratam sobre os meios e as ações utilizadas como estratégias, a fim de possibilitarem que pessoas na condição de exclusão tenham oportunidades iguais de acesso à educação, a bens e a demais serviços, sobretudo, aos serviços da saúde. Logo, a qualificação de profissionais da área da Psicologia nesse sentido é premente, dadas as necessidades apresentadas por pessoas surdas.

Ressalta-se, no entanto, a importância de discutir e investigar mais aprofundadamente a temática em questão. É esperado, então, que esta pesquisa possa trazer importantes contribuições para a formação de psicólogos bilíngues a partir da perspectiva da psicologia bilíngue.

2. PSICOLOGIA E SURDEZ: INTERFACES E DESAFIOS NA LITERATURA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o mapeamento das produções acadêmicas gerais encontradas relacionadas com Psicologia e surdez, além de analisar e discutir aspectos e dimensões que vêm sendo destacados e privilegiados neste campo do conhecimento. Com isso, destacam-se as contribuições teóricas de Gonzales (2018), Mattioni (2018), Da Costa (2020) e Dos Santos (2021), entre outros autores.

Foram visitados acervos digitais de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), produções do Google Acadêmico e o banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), nos quais foram encontrados três, 13 e três trabalhos respectivamente. Contudo, alguns filtros foram utilizados, como a busca por trabalhos

realizados a partir de 2015, isto é, o ano em que a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência foi instituída, tendo como objetivo assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (Brasil, 2015). Outro filtro utilizado foram descritores que poderiam estar presentes nos títulos destes trabalhos ou em suas palavras-chave, sendo eles “Psicologia e Surdez”, “Psicologia Inclusiva” e “Psicologia e Libras”. Desse modo, foram identificadas as seguintes pesquisas anotadas no Quadro 01 abaixo.

Quadro 1 – Estado da Arte

Título	Ano	Tipo	Palavras-chave	Autor(es)
Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas	2015	Artigo	Libras; Cognição; Desenvolvimento	ALVES, Elizabete Gonçalves; FRASSETTO, Silvana Soriano
Psicologia e Surdez: governamento da diferença e outras margens possíveis.	2015	Artigo	Surdez, Psicologia, Políticas de Inclusão, Governo	OLIVEIRA, Liliane Moreira; HADLER, Oriana Holsbach
Desafios na atenção psicológica a surdos utilizadores da LSB em Salvador–Ba	2016	Artigo	Acessibilidade aos serviços de saúde, atuação (psicologia), surdez	DA SILVA, Álon Maurício; DO CARMO, Maria Beatriz Barreto
Surdez e Psicologia Clínica: Contribuições Da Literatura.	2017	Artigo	Surdez, deficiência auditiva, psicologia clínica.	PEREIRA, Bianca Aparecida Marques; LOURENÇO, Lélío Moura
Atendimento psicológico a adultos surdos: desafios para a psicologia inclusiva	2018	Relatório final de pesquisa	Psicologia Inclusiva; Surdez; Educação Inclusiva.	GONZALES, Maressa da Silva
A psicanálise realizada em libras: demandas e desafios da				

clínica com pacientes surdos	2018	Tese	Psicanálise; Libras; Surdez; Formação de analistas	HALABE, Dannilo Jorge Escorcio.
A atuação de psicólogo bilíngue no atendimento terapêutico à pessoa surda	2018	Dissertação	Psicologia. Língua Brasileira de Sinais. Bilinguismo. Surdez	TOSTES, Raissa Siqueira
Psicoterapia Psicanalítica com pacientes surdos: um estudo qualitativo sobre características e adaptações técnicas da prática.	2018	Dissertação	Psicoterapia Psicanalítica. Psicanálise. Psicanálise e Surdez. Psicoterapia Psicanalítica com Pessoas Surdas. Surdez.	DAS NEVES, Juliana Torres Porto
Reflexões sobre o atendimento à pessoa com surdez: desafio para a psicologia.	2018	Monografia	Atendimento Psicológico. LIBRAS. Surdos.	MATTIONI, Denise Aparecida
A interface da psicologia com a surdez: uma revisão sistemática	2019	Artigo	Surdez, Psicologia, Linguagem.	CAMARGOS, Gláucio; ÁVILA, Lazslo Antonio
Produções científicas em psicologia e surdez no estado de Pernambuco	2020	Artigo	Psicologia; Surdez; Produções Científicas.	BARROS, Natália Costa <i>et al.</i>
Exclusão social da Pessoa Surda: Possíveis Impactos Psicológicos	2020	Artigo	LIBRAS; saúde mental; comunicação; relações interpessoais; exclusão social.	DA COSTA, Juliana Sousa <i>et al.</i>
Fatores relacionados à eficácia do atendimento psicológico clínico a pacientes surdos	2020	Artigo	Psicologia. Psicoterapia. Surdos.	RODRIGUES, Jaine
Acessibilidade do surdo ao atendimento	2020	Artigo	Acessibilidade ao Surdo, Atendimento psicológico, Saúde Mental	DE AGUIAR, Karoline Giele Martins; CORDEIRO,

psicológico na saúde mental				Enza Carolina Rodrigues
A formação em psicologia e as práticas de atendimento à população surda	2021	Artigo	Surdez. Clínica-Escola. LIBRAS	DOS SANTOS, Emanuelli Zequinelli Rosa
Psicoterapia para pessoas com surdez: um processo de inclusão	2021	Artigo	Surdo. Libras. Psicoterapia. Inclusão	PEREIRA, Vanessa Alves; ARAÚJO, Karoliny Vilela; DE ALMEIDA SILVA, Jucineide Lima
Atendimento psicológico à pessoa surda por meio da Libras no Brasil: Uma revisão de literatura	2021	Artigo	Inclusão; Surdos; atendimento psicológico; Libras.	FERREIRA JÚNIOR, Jesaias Leite; BEZERRA, Henrique Jorge Simões; ALVES, Edneia de Oliveira
O atendimento psicológico clínico para surdos: uma revisão bibliográfica	2022	Artigo	Psicologia Clínica, Surdos, Terapia.	NOBOLI, Ana Flávia; ABRÃO, Larissa Guimarães Martins
O atendimento psicoterapêutico de pessoas surdas: desafios e possibilidades da comunicação em libras	2022	Artigo	Língua Brasileira de Sinais; Psicoterapia; Surdez.	JORGE, Lucas Alexandre; PIZATO, Elaine Cristina Gardinal; RODRIGUES, Viviane

Fonte: elaborado pela autora (2022)

A partir do levantamento das produções científicas, é notório que os surdos enfrentam muitas barreiras para se comunicarem com pessoas que não conhecem a língua de sinais, o que expõe a necessidade de que a língua visuoespacial seja ainda mais disseminada e valorizada pelos ouvintes. Nesse sentido, a pesquisa realizada por Espote, Serralha e Scorsolini-Comin (2013) denuncia que, na percepção de muitos ouvintes, os surdos apresentam uma maneira típica de comunicação que, na ausência

da fala, é repleta de gestos e ruídos, causando estranhamento. Logo, evidencia-se o quanto as pessoas ouvintes ainda possuem uma visão distorcida e equivocada sobre os surdos, por não terem conhecimento de que os sons emitidos também fazem parte da expressão de uma língua que não é oral/falada.

Alves e Frassetto (2015) apontam na sua pesquisa que a língua de sinais representa um papel expressivo na vida das pessoas surdas, conduzindo-as ao desenvolvimento pleno por intermédio de uma língua estruturada. A língua é capaz de fornecer as condições mais necessárias à expansão das relações interpessoais, constituindo o funcionamento cognitivo e afetivo, culminando na constituição da subjetividade.

Dessa maneira, problematizar o momento e a maneira como as pessoas surdas passam a ser o foco da Psicologia se torna indispensável para a compreensão dos movimentos de normatização, normalização e governamento da diferença, a fim de apresentar a possibilidade e/ou necessidade de lançar um novo olhar sobre a surdez com o intuito de modificar a relação entre Psicologia e Surdez, distanciando-se da relação saber-objeto em que tal encontro está instituído (Oliveira; Hadler, 2015).

Ao observar-se a busca por atenção psicológica pela comunidade surda, a qual sempre encontra barreiras tanto em relação à sua autonomia na sociedade quanto à comunicação com o profissional, o distanciamento entre a Psicologia e a pessoa surda é notório. De acordo com os resultados de pesquisa de Silva e Carmo (2016), conclui-se que o desconhecimento sobre a Língua de Sinais ainda é um desafio ao atendimento a surdos, o que contribui para o sofrimento psíquico, além de ser notável a pouca participação e envolvimento de surdos e psicólogos em movimentos sociais que discutam políticas públicas que abarquem a atenção psicológica para surdos.

Marques e Lourenço (2017) apontam que é imprescindível a preparação do psicólogo para atender os surdos, uma vez que essa população tem o direito de ser atendida por profissionais capacitados. Além disso, Gonzales (2018) constatou que, ainda hoje, os surdos vivenciam a problemática da barreira da comunicação no âmbito social e do atendimento clínico psicológico. Assim, seus achados reforçam o fato de que a formação acadêmica dos psicólogos não os habilita para o atendimento à população surda, destacando a falta de preparo e visibilidade das questões relacionadas a essa comunidade.

A necessidade de o acompanhamento psicológico e o processo analítico – este

último conhecido pela investigação do inconsciente humano – ocorrerem na língua natural dos surdos, ou seja, em Libras, foi um dos pontos defendidos por Halabe (2018) em sua tese, ao reconhecer que a linguagem gestual consegue possibilitar melhor expressão dos sentimentos, incluindo gírias, metáforas e chistes, assim como o português falado.

A partir da teoria histórico-cultural, especialmente embasada na ótica de Vygotsky e de Bakhtin, a pesquisa de Tostes (2018) buscou analisar e discutir a atuação do psicólogo bilíngue no atendimento ao surdo, tomando o sujeito como constituído pela língua e pelas relações sociais, com produção e reprodução constantes de sentidos subjetivos. É válido ressaltar, no entanto, que o surdo, desde o nascimento e convívio com línguas diferentes, está inevitavelmente imerso na macropolítica complexa na qual se depara com múltiplas ideologias, escolhas, expectativas, obstáculos, ações impostas ou ofertadas pelos outros.

Ademais, Neves (2018) dedicou-se a descrever, em seu estudo, as características e as adaptações técnicas que caracterizam o atendimento em Psicoterapia Psicanalítica realizada por profissionais ocupados com o universo da surdez. O trabalho realizado por Camargos e Ávila (2019) sugere que a comunidade surda tem sido historicamente marginalizada e excluída dos inquéritos de saúde, principalmente devido à comunicação e às barreiras linguísticas encontradas, reforçando o cenário de exclusão social vivenciado por esses indivíduos.

Mattioni (2018), por sua vez, buscou refletir sobre o atendimento psicológico à pessoa com surdez e os desafios para a Psicologia no sentido de compreender que o aprendizado da Libras é indispensável ao trabalho terapêutico com o sujeito surdo. Com base nas pesquisas bibliográficas realizadas e nos autores da Psicologia Social, constatou que a utilização da Libras, no âmbito da Psicologia, é um instrumento indispensável para a comunicação entre surdos e ouvintes.

Barros *et al.* (2020), por meio do seu artigo, relataram um breve panorama histórico e dos estudos da Psicologia sobre a surdez, com o intuito de compreender como ocorreu a inclusão do sujeito surdo na sociedade e na área de pesquisa psicológica. A pesquisa demonstra que o tema, embora seja recente na trajetória da psicologia e dos estudos surdos, encontra-se em desenvolvimento no território nacional.

Assim, a inclusão social dos surdos, por meio da utilização da Libras, tem

influência direta na manutenção da saúde mental dos indivíduos surdos, de acordo com Da Costa *et al.* (2020). O estudo evidenciou que a exclusão social pode desencadear problemas psicológicos na população surda, como baixa autoestima, ansiedade e depressão. Portanto, para a real inclusão em sociedade, é preciso o uso da língua de sinais.

Rodrigues (2020) apresentou dados referentes aos fatores relacionados à eficácia do atendimento psicológico clínico com pacientes surdos, ressaltando que os surdos, geralmente, são interpretados pela sociedade com o estigma da incapacidade, vistos como incompletos, com dificuldades de aprendizagem, e ignorando sua subjetividade. Ao observar o desenvolvimento dos surdos, é possível notar que há muitas barreiras que afetam o seu desenvolvimento, tais como as sociais, sendo a comunicacional uma das mais presentes, podendo repercutir em sua saúde emocional.

Nessa esteira de pensamento, Aguiar e Cordeiro (2020) salientaram os desafios para psicólogos da área da saúde mental em efetivar a inclusão do surdo no atendimento psicológico, além de discutirem como essas práticas devem ser refletidas. A investigação possibilitou observar que é necessária a capacitação do psicólogo(a) para atender as demandas apresentadas pelo paciente surdo, de modo a garantir o respaldo do código de ética profissional do psicólogo.

Refletindo sobre as práticas psicológicas com pessoas surdas, Santos (2021) aponta para uma lacuna existente no processo formativo do profissional psicólogo, como também uma conseqüente escassez de demanda da população surda nos serviços de Psicologia nas instituições de ensino superior, uma vez que ainda há um grande distanciamento entre a Psicologia e a Surdez.

Pereira, Araújo e Silva (2021) abordam a importância da relação entre a psicologia e a pessoa surda, com vistas a debater sobre o elo negativo entre discursos que inferem ao público surdo diferenças excludentes. Partindo da premissa de que a Psicologia é uma ciência que estuda a subjetividade, essa pode fornecer estudos e conhecimentos que proporcionem a inclusão do sujeito surdo em processo psicoterápico, dado que a construção da inclusão social está intrinsecamente ligada à psicologia.

Logo, pensar a saúde mental como um direito humano fortalece a ideia de que é dever do Estado e da comunidade esforçar-se para a inclusão de todos os cidadãos.

Segundo Júnior, Bezerra e Alves (2021), a Psicologia tem se debruçado sobre a inclusão da pessoa surda, haja vista o aumento de atendimento psicológico bilíngue disponível. Entretanto, é crucial considerar uma maior proximidade dos profissionais de Psicologia com a Libras e com a cultura surda.

Nesse contexto, Noboli e Abrão (2022) investigou a história dos surdos, observando que, desde o período da Antiguidade (384-322 a.C) à Idade Moderna (1453-1789), esses foram excluídos no sentido familiar, educacional e social. Além disso, eram desprovidos de direitos legais, como matrimônio, voto e herança familiar, e considerados “preguiçosos” por utilizarem a língua de sinais em vez de tentarem a comunicação oral. Mesmo com os grandes avanços no quesito inclusão e na luta pelos direitos de cidadania aos surdos brasileiros, muitos ainda são marginalizados socialmente e se sentem discriminados por parte dos profissionais da área da saúde.

Outrossim, Jorge, Pizato e Rodrigues (2022) realizaram uma revisão sistemática da literatura sobre o atendimento psicoterapêutico da pessoa com surdez a partir da literatura nacional, identificando os aspectos que compõem a interação entre paciente surdo e psicoterapeuta, observando as dificuldades e as realidades encontradas no contexto clínico pelo paciente e terapeuta.

Ao longo dos estudos, foi possível notar que a luta da comunidade surda pelo seu espaço de visibilidade tem gerado resultados, ainda que poucos frente ao que se deseja, realçando o que nunca foi percebido antes. A partir daquilo que foi verificado nos estudos acessados, observou-se que, quanto à história dos surdos no Brasil, esses sempre foram vistos como deficientes mentais devido às consequências do atraso na aquisição da linguagem, situação vivenciada pela maioria dos surdos, já que o contato com a língua de sinais, muitas vezes, demora a acontecer (Skliar, 2005).

Poucos trabalhos que abordem a história da psicologia e da surdez foram localizados. A revisão de literatura revela que psicólogos já realizaram pesquisas com surdos, todavia, devido à dificuldade na comunicação, essas não obtiveram êxito. Lane (1992) e Sanches (1990 *apud* Dalcin, 2009) denunciaram as limitações de pesquisas realizadas com pessoas surdas, uma vez que os pesquisadores, em sua maioria, não utilizavam a língua de sinais no momento da aplicação dos testes.

Lane (1992), Sanches (1990) e Dalcin (2009) afirmam que, visando a uma avaliação séria realizada pelo profissional de psicologia com uma pessoa surda, é indispensável que o examinador seja fluente na língua de sinais, além de conhecer a

fundo os aspectos relacionados à comunicação e à cultura da comunidade surda. À vista disso, a psicologia inclusiva se faz crucial para capacitar e elucidar os conhecimentos advindos da psicologia para o atendimento adequado com pessoas surdas.

3. SURDOS E SURDEZ

A luta do povo surdo em defesa da sua cultura é diária e árdua. Os padrões estabelecidos pela sociedade ouvinte, os quais tendem a fortalecer a ideia de superioridade da língua oral, em detrimento da língua de sinais, são alguns dos desafios enfrentados pelas pessoas surdas. Nesse sentido, enquanto a surdez é entendida como deficiência por parte da sociedade, para os surdos não passa de uma característica, a qual deve ser aceita e respeitada pelas pessoas que ouvem. Esse fato fundamenta a compreensão dos surdos de que eles possuem uma identidade própria, múltipla e multifacetada (Strobel, 2007).

Ao estudar sobre a surdez, é evidente que não pode ser compreendida de uma maneira única. Isso se deve ao interesse de diversas áreas, como a Medicina, a Fonoaudiologia e a Sociologia, de tentar conceituá-la. Desse modo, muitos são os sentidos que a palavra “surdez” carrega.

Partindo desse pressuposto, é necessário entender a heterogeneidade inerente à surdez. Falar sobre surdez e sujeitos surdos, então, requer reconhecer a sua singularidade enquanto sujeito social, e, enquanto grupo, sua heterogeneidade nos modos de sua constituição como sujeito da linguagem nas interações sociais. No entanto, é possível notar que o diagnóstico de surdez traz consigo muitos conceitos “pré-construídos” em relação ao “ser surdo”, os quais perpassam desde a ideia de “impossibilidade” de falar/ouvir até a apropriação de uma língua visuomanual, isto é, a língua de sinais (Darde, 2018).

Dessa forma, Santana (2007) destaca que a produção de heterogeneidade se inicia quando uma família descobre que o filho é surdo. Diante disso, as decisões se dão, por exemplo, entre fazer cirurgia de implante coclear, aprender Libras, usar prótese auditiva e fazer terapia fonoaudiológica.

Perante tantos olhares voltados para a surdez, a perspectiva socioantropológica foi a escolhida para conduzir este trabalho, uma vez que esta linha entende fundamentalmente pelo viés da diferença. Com respeito ao sujeito surdo, é

necessário assumi-lo tal como ele é, a partir de sua existência singular no mundo.

A diversidade dentro do campo da surdez é ampla, o que leva à constatação de que, de fato, os surdos diferem entre si. Um exemplo disso é que não são todos os surdos que nascem surdos. Ora, há surdos que perdem a audição de forma progressiva ou súbita em algum ponto da vida; há também aqueles que perdem parte da audição. Ademais, é considerável o número de casos que optam pela reabilitação auditiva ou pelo português falado. Não se pode esquecer, ainda, dos ouvintes que perdem a audição após aprender o português e que podem optar por implantes cocleares ou aparelhos auditivos. Ainda assim, também é possível que uma pessoa surda decida por não utilizar esses recursos ou a Libras. Neste sentido, a presente pesquisa terá como objeto de estudo o surdo brasileiro sinalizado – o qual faz uso da Libras como sua língua de interação e expressão.

Neste contexto, os sujeitos não distinguem um de outro de acordo com sua surdez, haja vista que o mais importante, para eles, é o pertencimento ao povo surdo por meio do uso da língua de sinais e da cultura surda, o que os ajuda a definir as suas identidades. Strobel (2008) discorre que, dentro da história cultural dos surdos, há vários artefatos culturais, como a experiência visual, a linguística, a literatura surda, a vida social e esportiva, as artes, as políticas, entre outros. Ressalta-se que o conceito “artefatos” é colocado pela autora no sentido de referenciar aquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo.

Ainda nesta linha de pensamento, tem-se que, para o sujeito surdo sinalizado acessar informações e conhecimentos, a fim de estabelecer sua identidade, é fundamental criar uma ligação com essa população, a qual utiliza a sua língua em comum, isto é, a língua de sinais, uma das peculiaridades da cultura surda e uma das principais marcas da identidade de um povo surdo. O uso da Libras é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo esta língua importante para a comunicação do surdo e para proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (Strobel, 2008).

A partir da ótica socioantropológica, as noções de “deficiência” ou “diversidade” para a definição da surdez se tornam inaceitáveis. Perlin e Strobel (2014) reforçam que o viés da história cultural dos surdos abre possibilidades tanto para a desconstrução dos temas e interpretações ouvintistas quanto para as novas propostas

de se sinalizarem como sujeitos das experiências do cotidiano, da história, dos detalhes, do mundo experienciado e da ruptura com as oposições binárias.

A história cultural se apresenta como importante caminho devido a seu potencial de captar, em seus contextos, signos e significados subjetivantes que conduzem o sujeito surdo de forma ativa no seu próprio processo. De forma concisa, tal história é justamente um lugar onde se pode guardar os sentimentos e os pensamentos para despertar, animar e incentivar a coragem, constância e outros valores com os quais o povo surdo luta e se sente como um todo. A visão de cultura auxilia a manter viva a história de um povo, tendo em vista suas indagações, representações, empenho e até mesmo anseios do futuro.

3.1 A LIBRAS E O DIREITO LINGUÍSTICO DOS SURDOS

A Libras está para além da questão apenas da língua; representa, também, questões políticas, sociais e culturais (Quadros, 2005). Dessa maneira, compreender a importância da Libras e o seu significado para os surdos é identificar-se com a cultura e identidade surdas. Tal fato implica em novas formas de interações e formações de profissionais, em especial de psicólogos, a fim de conhecerem as especificidades desse grupo social, tornando-se capazes de acolher as necessidades das pessoas surdas.

Portanto, é preciso que o profissional da área da saúde habilite-se para atender às necessidades que possam lhe ocorrer para auxiliar o seu paciente. Quanto ao psicólogo, enquanto um cientista do comportamento, é necessário que obtenha a formação teórica e metodológica que lhe permita compreender seu objeto de estudo. Não deve, então, ser um profissional limitado a técnicas a serem aplicadas (Cattalini, 2007).

Segundo Lane (1992), ao proceder a uma análise dessa problemática, é fato que a maior parte dos surdos não pode se fazer compreender pela fala, além de não terem, em sua maioria, fluência na língua oral; logo, é possível que se realizem diagnósticos equivocados. Tal constatação demonstra que, para a realização de uma avaliação eficaz com surdos sinalizados, o examinador deve ser fluente na língua de sinais, e ainda ser conhecedor dos aspectos comunicativos, culturais e sociais da comunidade surda (Dalcin, 2009).

A língua é um elemento social que permite a interação entre os indivíduos e a sua comunidade e, a partir dela, valores e princípios são constituídos, tais como a cultura, a história e a identidade individual. Furtado (2016) complementa que, se o indivíduo é privado de sua língua, ele é posto à margem da sociedade e fica impedido de exercer a sua cidadania. Outrossim, o autor salienta que os direitos linguísticos se manifestam como direitos humanos, visto que são apoiados sobre a igualdade entre todas as línguas e a dignidade humana.

Seguindo esta linha, considera-se como foco deste trabalho a língua falada pelas comunidades surdas brasileiras, nas quais as pessoas surdas caracterizam-se pela sua própria identificação enquanto surdos, no aspecto cultural e pelo uso da língua de sinais. A Libras, portanto, por meio da sua modalidade gesto-visual, faz-se elemento aglutinador das comunidades que a utilizam como possibilidade de total expressão, comunicação e cidadania (Furtado, 2016).

É importante destacar que a Libras, por ser uma língua natural, nasceu da necessidade comunicativa e da interação entre pessoas surdas, sendo a sua formação espontânea, assim como qualquer outra língua, apresentando uma estrutura própria e carregando as complexidades pertencentes aos sistemas linguísticos existentes. Isto posto, deve-se compreender as línguas de sinais não como um problema ou ainda como uma patologia da linguagem, mas sim como línguas completas, ricas e complexas como qualquer outra (Brito, 2010).

No Brasil, por meio da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (Brasil, 2002), a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como a língua advinda das comunidades de pessoas surdas do Brasil, o que representou um grande avanço no que diz respeito aos direitos dos surdos, caracterizando-se como uma conquista social e cultural. Com tal reconhecimento legal, a Libras foi designada como uma entre as inúmeras línguas (Lemos; Chaves, 2012). De acordo com a legislação, tem-se a seguinte definição:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras, a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002, n.p).

A Lei supracitada, além de reconhecer a Libras, responsabiliza o poder público a oferecer formas institucionalizadas de apoiar seu uso e sua difusão e estabelece a

garantia de atendimento e de tratamento adequado às pessoas surdas nos serviços públicos de assistência à saúde. Prevê, ainda, a garantia da inclusão do ensino da Libras nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 2002).

Após a edição da Lei nº 10.436, ocorreu a sua regulamentação por meio do Decreto nº 5.626 (Brasil, 2005), o qual evidenciou parte dos anseios e das reivindicações das comunidades surdas do Brasil, bem como conferiu à Libras outra importância. Assim, o fato de ter sido reconhecida linguisticamente a posicionou de uma nova maneira em relação às demais línguas orais-auditivas, inclusive ao português.

O Decreto, de modo geral, proporciona direitos linguísticos aos surdos brasileiros, já que estabelece o seu direito de ter uma língua presente e ativa na educação, em seus níveis diversos, seja em seu uso ou em seu ensino, de modo que os surdos falantes de Libras possam acessar a educação por meio dela. Estipula, também, que tenham acesso à língua portuguesa em sua modalidade escrita como segunda língua, e, por fim, que recebam a tradução e a interpretação Libras-Português, e Português-Libras, como forma de interação com a sociedade que é majoritariamente composta por falantes de línguas orais (Fortunato, 2016).

Aos surdos bilíngues, o Decreto apresentado trata de aspectos importantes, uma vez que está estruturado a partir da abrangência dos seguintes tópicos:

i) a inclusão da Libras como disciplina curricular; ii) a formação do professor de Libras e do instrutor de Libras; iii) o uso e a difusão da Libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação; iv) a formação do tradutor e intérprete de Libras-Português; v) a garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva; vi) a garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva; vii) o papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos no apoio ao uso e à difusão da Libras (Fortunato, 2016, p. 19).

Este mesmo Decreto serviu para regulamentar a Lei nº 1043/2002, sendo outro marco importante para a comunidade surda brasileira, pois traz especificações sobre os graus de perda auditiva, sobre a inclusão da Libras como disciplina escolar, e sobre o uso e a difusão da Libras, além de reconhecer a formação dos tradutores e intérpretes de língua de sinais como profissão.

Este reconhecimento profissional impulsionou a atividade de tradução e interpretação, uma vez que foi institucionalizado e formalizado o trabalho do tradutor e intérprete de língua de sinais no Brasil com a sanção da Lei nº 12.319/2010. A autora Ronice Quadros (2007) traz uma reflexão importante acerca disso:

[...] o intérprete de língua de sinais no Brasil é um profissional com uma carreira promissora. Considerando as conquistas em nível legal, o contexto sócio-histórico e o momento político atual, pode-se projetar um futuro brilhante para os futuros profissionais desta área. [...] o profissional intérprete de língua de sinais será um profissional altamente qualificado e prestará serviços observando os preceitos éticos e suas competências nas áreas em que atuará como intérprete. (Quadros, 2007, p. 87-88)

Cabe ressaltar, então, que as conquistas têm como objetivo principal dar visibilidade aos surdos; entretanto, isso só acontece quando a Libras ganha o seu *status* de língua, garantindo a luta pelo direito linguístico, a inclusão e a acessibilidade. Apesar de tantos avanços, é notório que as emissoras e os meios de comunicação ainda pouco se preocupam com os surdos, denunciando a existência, até o momento presente, da necessidade de investimento em recursos financeiros e de profissionais, a fim de que as demandas desse grupo sejam supridas de maneira adequada (Fortunato, 2016).

Ampliando a discussão sobre a importância de investir em profissionais que atuem de forma efetiva com as pessoas surdas, é preciso lembrar dos profissionais de saúde, os quais, na sua formação, aprendem a utilizar de uma escuta ativa, associada ao exercício de uma prática de comunicação/informação efetiva, com o intuito de contribuir para a melhora da autonomia dos sujeitos.

Nesse contexto, a escuta qualificada auxilia o profissional de saúde a melhor compreender as demandas do seu paciente, além de fortalecer o vínculo. Em relação às pessoas surdas, constata-se que, devido à falta de conhecimento da língua de sinais, a conexão desses profissionais com seus pacientes é frequentemente comprometida. Conclui-se, portanto, que uma comunicação efetiva implica a construção de vínculos sólidos. Outrossim, a promoção da inserção social dos surdos, no contexto das práticas de saúde, deve funcionar como um fator multiplicador dessa consciência, o que ampliará as possibilidades de construção de sociedades mais igualitárias (Mazzu-Nascimento *et al.*, 2020).

4. PROCESSO FORMATIVO: DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE PSICOLOGIA

O tema da formação do psicólogo tem se constituído um vasto campo de pesquisas e discussões, especialmente com a regulamentação da profissão no Brasil, pela Lei 4.118 de 1962. Com a expansão do ensino superior e o aumento de cursos de graduação em Psicologia, disseminados em diversas cidades, ampliou-se a produção de conhecimento sobre o tema nos âmbitos acadêmicos e profissionais. Em 2004, com as Diretrizes Nacionais de Educação, houve o delineamento da regulamentação na graduação em Psicologia, visando à promoção de uma perspectiva de formação profissional mais ampla, tendo em vista as transformações do mercado de trabalho (Prates, 2019).

Com efeito, o ano de 2004 foi marcante para o campo da formação do psicólogo devido à ampliação dos conhecimentos psicotécnicos, clínicos, escolares e organizacionais para um compromisso social, com vistas a incluir atuações nas políticas públicas, no Sistema Único de Saúde (SUS) e no Sistema Único de Assistência Social (SUAS) (Ferreira Neto, 2004, 2017 *apud* Prates, 2019). Nos cursos de graduação em Psicologia, essa mudança atuou juntamente com a influência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que alterou as bases da educação básica e o ensino superior, refletindo em aspectos como:

- 1) na lógica de um núcleo comum (capacitação básica) de componentes curriculares que culminam na oferta de ênfases, cuja escolha de uma aprofundará alguma perspectiva profissional de atuação do psicólogo; 2) na geração de habilidades e competências, além da aquisição de conhecimentos psicológicos e 3) no aumento de estágios básicos (dispostos nos núcleos comuns) e profissionalizantes (disponíveis nas ênfases oferecidas) (Prates, 2019, p. 96).

Nos tempos atuais, é crescente a discussão sobre a necessidade de melhorias na formação de profissionais para atuar com pessoas com deficiência, a fim de promover uma adequada inclusão nas mais diversas esferas da vida social. A surdez, no entanto, é uma das condições que exige do profissional a habilidade para manter o diálogo, já que esse ocorre por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para isso, um ensino que aborde esta temática, ainda na graduação, torna-se essencial.

Na Psicologia, críticas ao modelo clínico-terapêutico começaram a surgir por volta da década de 60, com pesquisas que evidenciavam a complexidade e a naturalidade da língua de sinais. Observações no âmbito antropológico e sociológico

fortaleceram os questionamentos ao critério de normalidade que era proposto pelo modelo que vigorava. Diante desses acontecimentos, a psicologia brasileira começa a se interessar pelo estudo da surdez, já que foi o período de estágio de sistematização da educação dos surdos no Brasil, sobretudo com o surgimento dos principais institutos especializados nesse campo no país (Bisol; Simioni; Sperb, 2007).

Como a regulamentação da psicologia como profissão no Brasil ocorreu durante o período em que o país enfrentava uma ditadura, o desenvolvimento deu-se sob bases liberais; foi pautada em uma perspectiva individualista, pouco voltada às dimensões sócio-político-históricas do ser humano, de acordo com Oliveira e Paiva (2016 apud Santos *et al.*, 2021). A formação profissional era, portanto, orientada para uma prática clínica tradicional, de ajustamento e adaptação dos sujeitos à realidade social, a qual culminou na escolha do modelo clínico-terapêutico para abordar a surdez, concebendo sobre o indivíduo surdo uma visão reducionista, além de desconsiderar as variáveis não individuais (Santos *et al.*, 2021).

A partir da política de educação para todos em Salamanca, município da Espanha, discussões e saberes sobre os surdos e a Língua de Sinais começaram a ser valorizados, e, então, as práticas educacionais passaram a ser repensadas. A Declaração de Salamanca aborda a questão dos direitos educacionais e linguísticos, afirmando a importância de as políticas educativas levarem em conta as diferenças e situações individuais. Dessa forma, o reconhecimento da importância da linguagem gestual para a comunicação entre as pessoas surdas é fundamental, no sentido de garantir que a comunidade surda tenha acesso aos mais diversos níveis de serviços em sua língua natural (Declaração De Salamanca, 1994).

Os debates sobre a temática da inclusão no ambiente de ensino, sobretudo na universidade, fortalecem o reconhecimento e a ampliação sobre a perspectiva da diversidade, que, segundo Gadotti (2012), é fundamental para a formação de profissionais atentos às necessidades reais das pessoas marginalizadas e oprimidas. A educação, portanto, não pode perder de vista o seu foco principal, isto é, o compromisso ético-político com a transformação da sociedade, partindo de uma posição crítica, popular e política.

Com relação ao ensino da Libras no nível superior, o Decreto 5.626/05 (Brasil, 2005) tornou obrigatório o ensino da língua de sinais como disciplina nos cursos de licenciatura, magistério e fonoaudiologia, e como disciplina optativa nos demais cursos

superiores (Brasil, 2005).

Contudo, no decreto não há menções sobre o formato que a disciplina Libras deve assumir, nem ainda sobre quem poderá lecioná-la ou sobre sua carga horária. Desse modo, nota-se que, por se tratar de uma língua visuoespacial, são priorizados, muitas vezes, conteúdos teóricos ou práticos, devido ao curto tempo disponibilizado para a disciplina (Rossi, 2019). Tais aspectos devem ser discutidos a fim de que ocorra a formação de profissionais qualificados no uso na Língua de Sinais.

Embora a legislação não imponha a disciplina de Libras como obrigatória a todos os cursos do ensino superior, incluindo Psicologia, existe a necessidade de expansão desta disciplina para outras áreas, como disciplina obrigatória, visto sua importância não só para o aprendizado da língua mas também para a configuração de saberes sobre as especificidades culturais, linguísticas e de direito dos surdos. Além disso, tal conquista poderá contribuir para a exclusão de práticas que negam a língua de sinais, a inclusão do sujeito surdo, a medicalização e outros comportamentos, revertendo essas concepções (De Oliveira; Ribeiro, 2014).

Partindo da premissa de que as áreas de Ciências Humanas e de Ciências Sociais Aplicadas são campos nos quais se desenvolvem estudos voltados ao contato com humanos e os seus aspectos sociais que permeiam a vida, torna-se necessário também o conhecimento sobre a cultura e identidade surda através da Libras.

No que diz respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Psicologia, ressalta-se que tem como objetivo principal a formação do psicólogo voltado para a atuação profissional, para a pesquisa e para o ensino de Psicologia, e deve assegurar uma formação baseada nos seguintes valores, princípios e compromissos:

- I - construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia;
- II - compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais;
- III - reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos de conhecimento que permitam a apreensão da complexidade e multideterminação do fenômeno psicológico;
- IV - compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do País, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão;
- V - atuação em diferentes contextos, considerando as necessidades sociais e os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades;
- VI - respeito à ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público e na produção e divulgação de pesquisas, trabalhos e informações

da área da Psicologia;
VII - aprimoramento e capacitação contínuos (Brasil, 2011, n.p).

Recentemente, no dia 23 de outubro de 2023, o Ministério da Educação publicou as Diretrizes Curriculares do Curso de Psicologia, contendo algumas melhorias. Entre esses avanços, destaca-se a nova definição de um modelo do perfil de atuação profissional de Psicologia, o qual interage com os modelos adotados em vários países em um contexto da atuação profissional e da formação científica atuais. No entanto, em relação à disciplina de Libras, o documento não apresenta novidades. Acerca dos valores, princípios e compromissos, notam-se as seguintes atualizações:

- I - Construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia, como fundamento para a atuação profissional;
- II - Reconhecimento da diversidade de perspectivas epistemológicas e teórico-metodológicas necessárias para a compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com os campos de conhecimento que permitam apreender a complexidade e a multideterminação do fenômeno psicológico;
- III - Compreensão crítica dos fenômenos históricos, sociais, econômicos, culturais e políticos de um mundo em processo crescente de globalização, considerando a diversidade regional do país, sua inserção na América Latina e na comunidade de países de língua portuguesa;
- IV - Compromisso com a construção de uma sociedade democrática, soberana e socialmente justa, tendo em vista a promoção da cidadania, da saúde, da dignidade humana e da qualidade de vida de indivíduos, grupos, organizações e comunidades;
- V - Respeito à ética nas relações profissionais, na produção e divulgação de pesquisas, trabalhos e informações da área da Psicologia;
- VI - Respeito à diversidade pessoal, social, cultural e ética, em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH);
- VII - Reconhecimento da necessidade de investimento na educação permanente e no aprimoramento contínuo da prática profissional;
- VIII - Zelo pela imagem e reconhecimento social da Psicologia como ciência e profissão; e
- IX - Reconhecimento da importância das políticas públicas para assegurar o acesso da população aos serviços da Psicologia e promover os direitos sociais, em articulação com os avanços no campo do conhecimento científico e tecnológico (Brasil, 2023, n.p).

Nesse sentido, Silva e Pittner (2019) ressaltam que a Libras enquanto disciplina possibilita o desenvolvimento linguístico, social e intelectual de seus usuários, sendo ampliada aos atendimentos públicos da sociedade como um estímulo à inserção dos surdos na sociedade, dado que esses poderão exercer sua cidadania de maneira ativa e consciente no âmbito social, uma vez que sua língua será respeitada e reconhecida.

Embora grande parte dos cursos de Psicologia ofereça a disciplina de Libras, mesmo que de caráter optativo, é notório que há um descaso ao longo da formação em relação à capacitação dos estudantes no atendimento com pessoas surdas. Tal

realidade pode ser entendida a partir da interpretação de Gesser (2009), que aponta que se dá muito mais importância ao discurso médico sobre a normalidade, o qual exclui aqueles que não se encaixam no padrão da normalidade. No entanto, espera-se que a comunidade acadêmica se afaste das noções de senso comum aplicadas a essas situações, dando espaço a uma noção crítica da realidade e de como modificá-la de maneira a melhorar as relações (Silva; Pittner, 2019).

Ademais, quanto às instituições que oferecem o ensino superior, vale considerar que essas devem firmar compromisso com os objetivos da inclusão social, pois, uma vez que não estabelecem esse compromisso, é mais provável que as matrizes dos seus cursos desconsiderem as questões referentes à inclusão.

Assim, Silva e Pittner (2019) discutem sobre a carga horária que, muitas vezes, é atribuída às disciplinas que abordam a Libras, pois algumas instituições, cujos cursos possuem cerca de quatro mil horas, ofertam essa disciplina com duração de 20 ou 36 horas. Tal constatação evidencia que a carga horária atribuída a essa disciplina não é suficiente para que se tenha níveis elementares na aprendizagem da língua, assim como é importante considerar a metodologia, a avaliação e o uso de recursos utilizados no processo de ensino e aprendizagem de Libras nos cursos.

Discutir sobre a quantidade de horas destinadas a essas disciplinas é imprescindível, visto que a Libras não servirá apenas como um aspecto comunicacional entre surdos ou entre surdos e ouvintes, mas, por se tratar de uma língua, possui na sua configuração o constructo cultural desta comunidade. Isto posto, o ideal é que seja entendida não somente a língua, mas a cultura da comunidade surda, dando vez a uma real inclusão social (Silva; Pittner, 2019).

Tais críticas ao currículo atual do curso de Psicologia induzem às reflexões sobre o fato de que a proposta curricular não pode estar dissociada do contexto político, econômico, cultural e social. A este ponto, Soares (2016) propõe que não se pode atribuir ao currículo a origem de todos os aspectos negativos enfrentados, e sim ampliar a concepção de que o currículo é um espaço fértil para entender que, por meio dele, identidades podem ser silenciadas, negadas e omitidas.

Diante disso, torna-se importante o questionamento quanto à disciplina de Libras ser optativa nos demais cursos de ensino superior, sobretudo no curso de Psicologia na maioria das instituições. Seu caráter optativo significa que não necessariamente ela será estudada, e nem sempre será escolhida pela maioria como

a disciplina optada para ser lecionada. Assim, tal condição não garante que todos os profissionais obterão o conhecimento necessário, e, provavelmente, sairão da graduação com pouca ou nenhuma noção de atendimento e atenção às pessoas surdas (Silva; Pittner, 2019).

A barreira presente nos atendimentos com surdos, devido à falta de comunicação, fortalece a discriminação com a comunidade surda, além de prejudicar a qualidade do serviço ofertado e o cumprimento das leis. À vista disso, o reconhecimento da Libras como língua, assim como as leis de apoio aos surdos, abriu oportunidades para a inclusão destes sujeitos, causando impactos na sociedade de um modo geral (Barbosa, 2011). Logo, apesar de essa comunidade já ter conquistado muitos avanços, ainda existem limitações em várias esferas da sociedade. Portanto, é essencial que os profissionais, especialmente psicólogos, estejam qualificados e determinados a modificar o conceito de exclusão.

4.1 O CURRÍCULO DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNEB

O curso de Psicologia da UNEB, na cidade de Salvador/Ba, foi autorizado a funcionar através da resolução 782/10 do CONSU, publicada em 27 de julho de 2010. De acordo com informes apresentados pela instituição, em seus canais oficiais, a UNEB considera que há carência de cursos de Psicologia nas universidades públicas no Estado da Bahia, o que a estimulou a oferecer os estudos de formação profissional na área de Psicologia e atuar, conseqüentemente, no contexto estadual para expandir os serviços à maioria da população desprovida dos recursos necessários para fazer face à demanda por serviços de assistência psicológica.

A Matriz Curricular de Integralização do Curso de Psicologia (Bacharelado) apresenta dois eixos: um com ênfase em Psicologia e Processos Sociais e Educativos, outro em Psicologia e Processos Clínicos e de Saúde. Ambos os currículos apresentam uma estrutura com dez semestres, carga horária dos componentes 4.350 horas e de Atividades Complementares de 200 horas, tendo uma carga horária total de 4.550 horas.

As matrizes curriculares, nas duas ênfases, apresentam a Libras como disciplina obrigatória, ministrada presencialmente no 8º período, uma vez que o curso apresenta uma ementa fixa. A Libras faz parte do eixo EICAC (Interfaces Com Campos Afins Do Conhecimento), e é ofertada com carga horária de 60 horas.

Ao obter mais informações sobre como a disciplina era lecionada na universidade, foi possível averiguar que, em geral, é ministrada por um docente com formação especializada na Língua Brasileira de Sinais, sem qualquer vínculo com a área da Psicologia. Na ementa da disciplina, a proposta é desenvolver o uso e aprendizagem da Libras como recurso de comunicação, a partir da sua modalidade gestual-visual. A bibliografia base tomada como base perpassa materiais e autores voltados à enciclopédia da língua de sinais brasileira, aos estudos linguísticos, à compreensão sobre linguagem e surdez, e ao papel do tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.

O fato de a disciplina Libras ser ofertada como matéria obrigatória no Curso de Psicologia da UNEB aponta um grande avanço, haja vista que, como discutido anteriormente, a maioria dos cursos não oferta a língua de sinais como disciplina obrigatória, mas sim como optativa. Contudo, mesmo tendo a Libras em sua grade curricular, é necessário destacar alguns aspectos negativos nesta proposta de formação, tais como a carga horária e a falta de aproximação dos estudos surdos com a área da Psicologia.

Em relação à carga horária de 60h, ofertada apenas em um semestre durante toda a formação, ainda se faz necessária uma sistematização do processo de ensino-aprendizagem dessa língua. Desse modo, haveria uma melhor orientação quanto aos objetivos, conteúdos, metodologia e carga horária ideal para a disciplina.

Assim, Muzzi-Nascimento *et al.* (2020) discutem sobre como a negligência quanto à estruturação da disciplina de Libras entre os cursos de graduação das diversas IES pode acarretar, por exemplo, um ensino superficial, servindo apenas para cumprir a lei, sem atender às necessidades de aprendizado dos estudantes da área da saúde.

Neste prisma, ressalta-se a urgência de estender a obrigatoriedade do ensino da Libras para os todos os cursos da área da saúde, especialmente Psicologia, atentando-se para o aumento significativo da carga horária destinada a esse ensino, uma vez que é crucial, para todos os profissionais de saúde, uma habilitação adequada para prestar serviços adequados aos pacientes surdos. Muzzi-Nascimento *et al.* (2020) defendem, ainda, que a carga horária mínima de 120 horas deve ser implantada, com vistas a alcançar um nível satisfatório de conhecimento em Libras, promovendo o diálogo efetivo entre os profissionais de saúde e os surdos.

A formação acadêmica dos profissionais psicólogos exige um processo formativo mais específico para uma interação mais segura em um atendimento. É fato que o currículo do curso de Psicologia, teoricamente, busca preparar o profissional para receber qualquer tipo de demanda; no entanto, ao se deparar com a falta de qualificação para atender adequadamente um paciente surdo, evidencia-se que há uma segregação acerca da acessibilidade desta população aos serviços psicológicos.

Ademais, Santos *et al.* (2021) complementam que o processo em torno da aprendizagem de qualquer língua, de forma que possibilite uma comunicação eficiente entre as partes, é, certamente, um processo longo que implica vários níveis e métodos de aprendizagem, já que a língua não é só um conjunto de regras gramaticais, e sim expressa, sobretudo, sentidos e significados dados por uma determinada cultura. Logo, pensando na Libras, é um erro supor que uma disciplina, no curso de Psicologia, que ensina conceitos básicos sobre a Libras seja suficiente para possibilitar uma atuação minimamente democrática com as pessoas surdas. Sendo assim, é necessária a existência de práticas concretas que insiram a cultura surda nas discussões da Psicologia de forma eficiente e total.

Perante o exposto, surgem algumas possibilidades para promover mais avanços na Matriz Curricular do Curso de Psicologia da UNEB, tais como incentivar uma formação continuada dos docentes de Psicologia acerca dos estudos surdos, promover eventos sobre o tema da surdez e da cultura surda, que envolvam todas as esferas acadêmicas, e, por fim, considerar sobre a reformulação dos currículos das graduações em Psicologia de modo a abarcar a temática surda de maneira mais frequente.

5. DESCREVENDO O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Em relação ao desenho metodológico, esta pesquisa se caracteriza como de natureza aplicada com elementos da pesquisa-ação e, quanto à sua abordagem, tratou-se de um estudo qualitativo que, segundo Minayo (2011, p. 26), define-se por trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Já com relação ao objetivo, configura-se como exploratória, uma vez que é a fase na qual consiste a produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada em campo. É o tempo dedicado — e que requer

empenho e investimento — a definir e delimitar o objeto, a desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, a colocar hipóteses ou alguns pressupostos para seu encaminhamento, a escolher e a descrever os instrumentos de operacionalização do trabalho, a pensar o cronograma de ação e a fazer os procedimentos exploratórios para escolha do espaço e da amostra qualitativa (Minayo, 2011, p. 26).

5.1 A PESQUISA APLICADA COM ELEMENTOS DA PESQUISA-AÇÃO

A pesquisa aplicada se caracteriza pela motivação principal em contribuir para a resolução de um problema, sendo este, comumente, um problema real, presente na sociedade. Trata-se, portanto, de uma pesquisa comprometida, principalmente, com a aplicação de conhecimentos já disponíveis para a solução de problemas. No entanto, este tipo de pesquisa pode tanto contribuir para ampliar a compreensão do problema quanto para sugerir novas questões a serem investigadas (Laville; Dionne, 1999).

A fim de definir o processo de elaboração de uma pesquisa, parte-se da ideia de que o problema está no centro do realinhamento das ciências humanas. Segundo Laville e Dionne (1999), para compreender os problemas que surgem no campo do social, pouco importa se a solução do problema se refere a uma falta de conhecimentos, como em pesquisa fundamental, ou de intervenções eventuais, como é o caso da pesquisa aplicada.

Nesse contexto, a pesquisa no campo das ciências sociais requer uma compreensão, a partir da atenção destinada à natureza do objeto de estudo, além de ser complexa, livre e atuante, preocupando-se sempre em não o deformar ou reduzir. É fato que os fenômenos humanos repousam sobre a multicausalidade, isto é, sobre um encadeamento de fatores, de natureza e de peso variáveis, os quais se conjugam e interagem. Com o intuito de conhecer verdadeiramente os fatos humanos, faz-se necessária toda esta compreensão (Laville e Dionne, 1999).

Já em relação à pesquisa-ação, pode-se defini-la como um tipo de pesquisa social com base empírica, idealizada e executada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, ao qual os pesquisadores e participantes do problema ou da situação estão associados de modo cooperativo e participativo (Thiollent, 1986).

Dessa forma, a presente pesquisa apresenta elementos da pesquisa-ação,

uma vez que promove uma ação por parte das pessoas implicadas no problema sob observação. Além disso, Thiollent (1986) também reforça a importância de que a ação realizada não seja trivial, mas sim uma ação problemática que requer investigação para ser compreendida e coordenada.

A pesquisa-ação propõe a organização em fases, sendo estas expostas no quadro abaixo:

Quadro 2 - Fases da pesquisa-ação

Fase exploratória	consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou "diagnóstico") da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações;
O tema da pesquisa	é a designação do problema prático e da área de conhecimento a serem abordados;
A colocação dos problemas	trata-se de definir uma problemática na qual o tema escolhido adquira sentido;
O lugar da teoria	consiste em gerar ideias, hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações;
Hipóteses	a partir da sua formulação, o pesquisador identifica as informações necessárias, evita a dispersão, focaliza determinados segmentos do campo de observação, seleciona os dados, etc;
Seminário	reúne os principais membros da equipe de pesquisadores e membros significativos dos grupos implicados no problema sob observação. O papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação;
Campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa	a delimitação empírica é relacionada com um quadro de atuação, como no caso de uma instituição, universidade, etc. Quando o tamanho do campo delimitado é muito grande, coloca-se a questão da amostragem e da representatividade;
Coleta de dados	é efetuada por grupos de observação e pesquisadores sob controle do seminário central. As principais técnicas utilizadas são a entrevista coletiva nos locais de moradia ou de trabalho e a entrevista individual aplicada de modo aprofundado;
Aprendizagem	uma capacidade de aprendizagem é associada ao processo de investigação. Isto pode ser pensado no contexto das pesquisas em educação, comunicação, organização etc.;
Saber formal/saber informal	relação entre saber formal dos especialistas (dotado de certa capacidade de abstração) e saber informal, baseado na experiência concreta dos participantes comuns;

Plano de ação	a formulação de um plano de ação constitui uma exigência fundamental. Em geral, trata-se de uma ação na qual os principais participantes são os membros da situação ou da organização sob observação;
Divulgação externa	além do retorno da informação aos grupos implicados, também é possível, mediante acordo prévio dos participantes, divulgar a informação externamente em diferentes setores interessados. A parte mais inovadora pode ser inserida na discussão de trabalhos em ciências sociais e divulgada nos canais apropriados: conferências, congressos etc.

Fonte: elaborado pela autora com base nas fases discutidas por Thiollent (1986)

A lista das fases, apresentada por Thiollent (1986), segue parcialmente uma sequência temporal, sendo a primeira a “fase exploratória” e, a última, a “divulgação externa”. Contudo, as fases intermediárias não foram ordenadas em uma determinada sequência inflexível, já que ocorre um constante vaivém entre cada etapa. Por isso, quando os planejadores de pesquisa elaboram inicialmente uma divisão em fases, é comum que infrinjam a ordem estabelecida em função dos problemas imprevistos que aparecem em seguida. Desse modo, a cada intervalo, pode haver uma multiplicidade de caminhos a serem escolhidos em função das circunstâncias (Thiollent, 1986).

5.2 PESQUISA DE CAMPO

O procedimento metodológico adotado foi, inicialmente, de cunho bibliográfico, o qual possibilitou maior familiaridade e domínio sobre o tema pesquisado (Da Fonseca, 2002). Em seguida, a pesquisa consistiu em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa (Minayo, 2011, p.26).

Nesta fase, foi necessário entrevistar um grupo de 12 estudantes do Serviço de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus I, em Salvador, sendo o número máximo de 15 participantes definido após o período de qualificação, por representar um número significativo em se tratando apenas do Serviço de Psicologia da UNEB. Para a realização da entrevista, foi utilizado como instrumento a entrevista semiestruturada (Apêndice A). A escolha por esta técnica se deu a partir da compreensão de que os estudantes poderiam ter alguma dificuldade em falar sobre as aproximações da Psicologia e os Estudos Surdos.

Esta etapa iniciou-se com a apresentação do projeto e a solicitação de

autorização para executá-lo. A pesquisadora entrou em contato com o coordenador do curso de Psicologia do Campus I, com o objetivo de apresentar a proposta da pesquisa. Nesta oportunidade, a aproximação foi de alta relevância para compreender melhor as diretrizes curriculares, o percurso formativo dos estudantes e o ensino da Libras durante o curso, o que contribuiu para a coleta de dados pertinentes para a construção teórica.

Com as entrevistas realizadas, os dados obtidos foram submetidos à análise qualitativa que buscou valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos e articulá-los com a teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo (Minayo, 2011, p.27).

A fim de realizar o cotejo entre as respostas obtidas e os conhecimentos teóricos elencados com a pesquisa bibliográfica, foi aplicada a análise de conteúdo, definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p.48). Desse modo, foi possível investigar o que foi dito nas entrevistas ou observado pela pesquisadora, para assim serem estruturadas as oficinas de Libras propostas aos estudantes de Psicologia da UNEB.

5.3 CONTATO INICIAL COM OS ESTUDANTES

Uma das fases mais desafiadoras desta pesquisa foi conseguir o primeiro contato com os participantes, já que eles estavam envolvidos com as demandas da graduação. A partir da aproximação com um grupo de três estudantes, contatadas presencialmente no Serviço de Psicologia da UNEB, foi possível acessar os demais colegas, sendo que alguns que haviam aceitado realizar a entrevista desistiram por falta de afinidade e/ou disponibilidade com o tema da pesquisa.

O contato com os estudantes só ocorreu após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, dado que já havia autorização por parte da coordenação do curso e da responsável pelo departamento. O encontro com as três estudantes aconteceu no Serviço de Psicologia do Campus I da UNEB, no qual foi apresentada a proposta da intervenção, a importância do tema, os benefícios e os

riscos da pesquisa. As estudantes demonstraram interesse de imediato, mas deixaram claro as dificuldades de conseguirem tempo disponível para a participação, ressaltando que a modalidade virtual seria mais viável para elas, já que teriam mais disponibilidade no horário da noite. Desse modo, as entrevistas aconteceram individualmente via Google Meet. Os participantes que aceitaram participar receberam, virtualmente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

5.4 ESTUDANTES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa, na fase das entrevistas, foram 12 estudantes que atuavam no Serviço de Psicologia do Campus I da UNEB, sendo este o critério de inclusão. Muitas foram as dificuldades dos participantes para conseguirem dispor de tempo, sobretudo por estarem na reta final da graduação.

O convite para a participação da pesquisa foi divulgado nos grupos dos estudantes que estavam atuando no Serviço de Psicologia, tendo como objetivo o número de 15 participantes. No entanto, apenas 12 o aceitaram, os quais estão cursando entre o 5º e 10º semestre. Vale ressaltar que a estudante do 5º semestre, que não ainda não está atuando no Serviço de Psicologia, ao saber sobre a pesquisa, entrou em contato e pediu para participar, pois havia um interesse pessoal muito grande pela temática da pesquisa.

Quadro 3 - Perfil dos participantes

Participante	Idade	Gênero	Semestre
B. C.	25 anos	Feminino	10º
M. M.	25 anos	Feminino	10º
K. C.	25 anos	Feminino	10º
T. F.	26 anos	Feminino	10º
N. O.	27 anos	Feminino	10º
R. S.	26 anos	Masculino	10º
G. S.	27 anos	Feminino	10º
J. A.	25 anos	Feminino	10º
M. C.	25 anos	Feminino	10º
A. S.	22 anos	Feminino	5º
R. G.	23 anos	Feminino	8º
A. M.	22 anos	Feminino	8º

Fonte: elaborado pela autora (2022)

5.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNEB, aprovado em 16 de maio de 2023, sob o parecer de número 6.061.980 (Apêndice C), estando em consonância com os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Os estudantes que se dispuseram a participar da pesquisa consentiram de forma on-line ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Esse termo explica e esclarece os participantes sobre os objetivos da pesquisa, o sigilo em relação a sua identidade, os possíveis riscos e benefícios de participarem da pesquisa.

5.6 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A partir da aplicação da entrevista semiestruturada, foi possível coletar um número considerável de dados, os quais permitiram acessar informações que deram base para o planejamento das oficinas promovidas por meio da perspectiva de grupos de discussão. De acordo com o que foi apurado nas oficinas de Libras, foi possível realizar aproximações sobre a importância da disciplina na formação de psicólogos, a partir da vertente da Psicologia sócio-histórica (Bock, 2001), haja vista que a interação, por meio da língua, possui função fundamental na construção da subjetividade individual (Vygotski, 1991), sendo esta percepção indispensável na construção de uma psicologia mais inclusiva.

Sabe-se que a história dos surdos no Brasil é marcada pela invisibilidade e exclusão resultantes dos padrões estabelecidos pela sociedade ouvinte, que insiste em acomodar a surdez como uma deficiência e não como uma característica, como é definida pelos surdos, posto que carrega consigo identidade própria, múltipla e multifacetada. Neste contexto, a luta da pessoa surda é em busca de acolhimento, respeito e, sobretudo, oportunidade de acesso a todos os serviços prestados na sociedade em sua língua natural, isto é, em Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Neste sentido, o interesse por uma formação bilíngue nos cursos de Psicologia parte do sentido de diluir a visão do sujeito surdo como um deficiente que faz uso da língua sinais como mero recurso de acessibilidade, evidenciando uma condição inferior ao da Língua Portuguesa. À vista disso, a valorização sobre a formação

bilíngue está relacionada à habilidade de usar as duas línguas (Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa), em diferentes graus de competência nas línguas, com desempenhos diferentes em função do contexto e do propósito comunicativo, que, neste caso, trata-se da promoção de serviços psicológicos com as pessoas surdas na sua língua natural.

Desse modo, as oficinas de Libras foram pensadas no formato de grupo de discussão, tendo em vista que consistem em reuniões com um pequeno número de participantes. O intuito foi, por meio desse grupo de discussão, focalizar a temática selecionada, promovendo a participação de todos e aprofundando a discussão (Minayo, 2011). Ao final das oficinas, o produto elaborado foi um relatório sobre as atividades realizadas, o qual se destinará ao colegiado do curso de Psicologia, na UNEB-Campus I, com o propósito de ser reaplicado.

Para a aplicabilidade do projeto, foi elaborado um cronograma com seis oficinas, todas com objetivos pré-estabelecidos, as quais seriam aplicadas semanalmente, de forma presencial, cada uma com duração de, no máximo, duas horas.

Quadro 4 - Cronograma das oficinas de Libras

Objetivo específico	Meta
1ª e 2ª Oficinas: sensibilizar os participantes sobre a importância do conhecimento em Libras e dos estudos surdos durante a formação profissional;	Fortalecer em 50% dos participantes a importância da aproximação da Psicologia com a comunidade surda brasileira, por meio da exposição sobre a luta do povo surdo e sua exclusão social.
3ª e 4ª Oficinas: Potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia Inclusiva e suas implicações;	Coletar informações de todos os estudantes sobre o que eles conhecem sobre identidade, cultura surda, Língua de Sinais e Psicologia Inclusiva.
4ª e 5ª Oficinas: Trabalhar, a nível básico, o diálogo efetivo em Libras dos participantes.	Estimular os participantes a aprenderem sinais básicos para uma comunicação inicial com pessoas surdas, por meio da utilização da Libras.
6ª Oficina: Desenvolver uma oficina para recolher as percepções sobre a formação profissional de psicólogos.	Produzir em até 50% a sistematização de sugestões para serem introduzidas na produção no produto final.

Fonte: elaborada pela autora, 2023.

A cada oficina realizada, ocorreu um processo de avaliação, o qual se deu por meio de um questionário simples e objetivo, de modo que os participantes expusessem as suas percepções sobre as ações realizadas. Além disso, destaca-se a observação realizada pela própria pesquisadora, que fez registros escritos. Por meio da manifestação oral, as participantes puderam tornar claras suas impressões sobre cada oficina, de forma que isto auxiliou na constatação sobre a viabilidade das atividades propostas, bem como se os objetivos das temáticas foram compreendidos e, ainda, no planejamento para a execução de novas intervenções.

6. O PERCURSO DA PESQUISA DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL: IMPRESSÕES A PARTIR DA ANÁLISE DE CONTEÚDO DE BARDIN

Nos capítulos anteriores, foram analisadas questões sobre surdez, libras e a formação de psicólogos e psicólogas. Debateu-se, também, a necessidade de discussões em relação a possíveis estratégias de inclusão na tentativa de aproximar a Psicologia das necessidades da comunidade surda brasileira. Neste capítulo, discute-se sobre a percepção dos estudantes de psicologia quanto à importância do ensino da Libras durante o processo formativo e, ainda, sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais e sua implicação para o curso de psicologia. Com base em Bardin (2016), emergiram das entrevistas duas categorias de análise, as quais respondem diretamente aos objetivos específicos, sendo explicitadas neste capítulo.

6.2 O QUE É LIBRAS? – UMA ANÁLISE SOBRE O ENTENDIMENTO DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA EM RELAÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Apesar dos pequenos avanços, no que diz respeito à Língua Brasileira de Sinais, é possível notar que o discurso aparentemente "gasto", a fim de afirmar a importância da língua visuoespacial, ainda se faz necessário. Tal discurso precisa ser repetido inúmeras vezes para que a constituição social dessa língua minoritária ocorra, ou seja, para que se alcance a legitimação e o reconhecimento, por parte da sociedade como um todo, de que a língua de sinais é, de fato, uma língua.

Muitos são os mitos, dúvidas e crenças distorcidas que cercam a Língua Brasileira de Sinais e a surdez. Logo no início da entrevista realizada com 11 estudantes do Serviço de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia

(Uneb/Campus I) e uma estudante do 5º semestre, os participantes foram perguntados sobre o que conheciam da Libras, e apenas metade dos participantes responderam com convicção que se tratava da língua natural dos surdos brasileiros sinalizados: “*sei que é uma língua, tipo português/inglês/francês; é a língua para os surdos conseguirem se expressar, e cada país tem a sua, da sua forma*”, (T.F., 10º semestre); “*sei que é uma língua ampla, extensa, cada região tem sua característica, cada país tem uma forma, não é universal*” (M. M., 10º semestre).

Tais constatações corroboram o que é discutido por Gesser (2009) ao afirmarem que uma das crenças mais recorrentes quando se fala em língua de sinais é que ela é universal. A ideia de universalidade está ancorada na concepção de que toda língua de sinais é um "código" simplificado aprendido e transmitido aos surdos de forma geral; desse modo, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo. As colocações das estudantes reforçam a importância de já terem tido contato com a Libras durante um semestre, no 8º semestre, ainda que de forma superficial.

“*Cada país tem uma Língua de Sinais, a Libras é diferente das outras línguas de sinais, (...) sei que existe também o regionalismo*”, apontou K. C., 10º semestre. Tal percepção confere com o que é dito por Gesser (2009), o qual discorre que, assim como ocorre com as línguas orais, conforme sua extensão territorial, mistura linguística etc., com a língua de sinais não é diferente. Por exemplo, nos Estados Unidos, os surdos “falam” a língua americana de sinais; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a Língua japonesa de sinais; no Brasil, a língua brasileira de sinais, e assim por diante.

O conflito em relação ao regionalismo acontece, uma vez que, em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá línguas de sinais. Desse modo, pode-se dizer que o que é *universal* é o impulso dos indivíduos para a comunicação e, no caso dos surdos, esse impulso é sinalizado. Contudo, a língua dos surdos não pode ser considerada universal, dado que não funciona como um “decalque” ou “rótulo” que possa ser colado e utilizado por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influências de uso (Gesser, 2009).

O que se observa na percepção sobre a universalidade é que está também implícita uma tendência a simplificar a riqueza linguística, sugerindo que talvez para os surdos fosse mais fácil se todos usassem uma língua única e uniforme (Gesser,

2009). Diante disso, alguns questionamentos podem ser feitos: será que, no caso da língua oral, essa perspectiva se mantém? E se, do ponto de vista prático, tal uniformidade fosse desejável, seria possível a existência, nos cinco continentes, de uma língua que, além de única, permanecesse sempre a mesma?

Portanto, as línguas de sinais não são universais, uma vez que cada país possui a sua própria língua, que sofre inclusive influências da cultura local e, como qualquer outra língua, também possui expressões distintas de região para região, não existindo assim padronização em âmbito nacional.

Além disso, uma das entrevistadas respondeu que a Libras seria *“uma linguagem que precisava ser ensinada desde a escola, pois é uma linguagem brasileira”* (M. M., 10º semestre). Chama a atenção a fala da entrevistada ao apontar a Libras como uma linguagem e não como uma língua. De acordo com Muncinelli (2013), diferente do que muitos imaginam, as línguas de sinais não são simplesmente mímicas ou gestos soltos utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. Pelo contrário, possuem estruturas gramaticais próprias compostas pelos níveis linguísticos, isto é, fonológico, morfológico, sintático e semântico. Assim, o que a diferencia das demais línguas é a sua modalidade visual-espacial.

Gesser (2009) expõe que a marca linguística não é a única questão nas discussões sobre a surdez, mas é a legitimidade da língua que confere ao surdo alguma “libertação” e distanciamento dos moldes e representações até então exclusivamente patológicos. Neste ponto, tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência — vinculada às lacunas na cognição e no pensamento — para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural.

“Sei que é a segunda língua oficial do Brasil; conheço o básico da língua: números, expressões, mas nada aprofundado...”, comentou a estudante B., do 10º semestre. Nesta fala, é possível notar o distanciamento entre as pessoas ouvintes e os surdos: as pessoas ouvintes tendem a reduzir a Libras a alguns gestos ou sinais básicos, sem imaginar a complexidade da língua.

Skliar e Quadros (2000) abordam que, devido a essas diferenças e desigualdades sociais, os surdos identificam os ouvintes como diferentes, uma vez que, para eles, são as pessoas “não surdas” que não conseguem entendê-los e não se interessam por aprender a língua de sinais. Logo, pode-se afirmar que o grupo social surdo trata como diferentes aqueles que desconhecem as experiências visuais

vivenciadas pelos surdos como parte de sua cultura e formação de identidade.

Nesse contexto, a língua é uma das formas mais expressivas das culturas surdas, pois apresenta um papel fundamental nestas lutas. É verdade que a maioria das pessoas desconhecem a riqueza gramatical da Libras, além de seu papel enquanto elemento fundamental para a consolidação das identidades e culturas surdas. As línguas de sinais, entre elas, a língua de sinais brasileira, são naturais e representam uma forma completa de comunicação das histórias surdas (Skliar; Quadros, 2000).

É importante ressaltar que cada comunidade surda tem sua própria língua de sinais com suas peculiaridades gramaticais. A língua brasileira de sinais apresenta uma estrutura gramatical rica e é usada pela comunidade surda brasileira como forma de expressar ideias, pensamentos, sonhos, arte e histórias. Logo, a língua tudo tem a ver com a cultura, e, no caso da Libras, essa fortalece a cultura surda por ser o meio de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, as quais contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Logo, isto significa que a cultura surda abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2008).

Ao estudar a cultura surda, é possível encontrar um padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes, seja na escola, nas associações de surdos ou ainda nos encontros informais. Isto dá origem à identificação de pertencer a um povo distinto, que é caracterizado por compartilhar de língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização (Perlin; Strobel, 2014).

Nessa linha de raciocínio, a pesquisadora surda Perlin (2004) afirma que as identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, uma vez que elas se moldam de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. Ainda dentro dessa receptividade cultural, surge uma luta política ou uma consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, bem como se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes e de menos-valia social.

Partindo desta premissa, a língua de sinais é uma das principais marcas da

identidade de um povo surdo por ser uma das peculiaridades da cultura surda. Ela é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (Strobel, 2008). Desse modo, a língua de sinais vem assumindo um lugar cada vez mais relevante, não só nas pesquisas mas também nas comunidades surdas.

Na história da língua de sinais, é interessante destacar que, por muitos anos, os surdos foram proibidos de usar a língua de sinais; contudo, ela sobreviveu graças à resistência contra a prática ouvintista. Os registros apontam que muitas crianças em escolas para surdos, quando sua língua era proibida, praticavam-na às escondidas entre si (Perlin; Strobel, 2014).

Diante de tais fatos, evidencia-se a concepção de pertencimento do povo surdo, o qual impacta diretamente na construção de uma política conjunta de luta por valores. A ideia de povo, por si só, já denota movimento, algo que se firma, que demonstra suas lutas, seus direitos e suas estratégias. Assim, a história vai se constituindo em meio a este “que fazer”. Surge, então, uma condição histórica dentro do espaço dos surdos, fazendo em direção ao movimento interno de ser (Perlin; Strobel, 2014).

A Língua Brasileira de Sinais configura-se, além de uma ferramenta necessária para a comunicação das pessoas surdas, como uma conquista com vistas à inclusão dessas pessoas social e culturalmente. Entretanto, sabe-se que, mesmo com o reconhecimento através da Lei 10.436, ainda é notória a ausência da Libras em diversos espaços sociais.

6.2 PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE PSICOLOGIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LIBRAS DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

As políticas públicas alcançadas até o momento presente preveem o atendimento psicológico ao surdo como uma ação inclusão social. Contudo, diante das barreiras existentes, alguns questionamentos são inevitáveis: qual é a formação oferecida na graduação de psicologia para a atuação do psicólogo no atendimento à população surda? O psicólogo está habilitado para esse atendimento? Existe demanda para a formação em psicologia na modalidade específica voltada para esta comunidade?

Ao analisar a percepção dos estudantes de psicologia em relação à importância do ensino da Libras durante a formação acadêmica, os 12 participantes da pesquisa foram unânimes ao afirmarem que sentem a necessidade de um ensino mais consistente da Língua Brasileira de Sinais durante a graduação.

Nesse sentido, o psicólogo que pretende realizar atendimento psicoterapêutico com pessoas surdas tem um imperativo a ser cumprido, pois, segundo o código de ética da categoria, é seu dever respeitar o sigilo profissional para proteger a intimidade de qualquer indivíduo que tenha acesso ao seu serviço (CFP, 2005). Tal constatação é feita por M. S., estudante do 10º semestre do curso de Psicologia da Uneb (Campus I), ao afirmar que:

“é muito importante o ensino da Libras, na faculdade, para termos preparo para lidar com pessoas surdas, sem a presença de tradutor dentro do setting terapêutico para que não haja quebra de sigilo, constrangimento; (...) daí o atendimento psicológico ocorrerá sem bloqueio na comunicação”.

Desse modo, o psicólogo está diante de um desafio que requer comprometimento pessoal de sua parte. Partindo do modelo social da deficiência e de acordo com a LBI, é um dever assegurar o acesso da pessoa com deficiência, por meio da remoção de barreiras – nesse caso, prioritariamente comunicativas –, a fim de garantir os direitos constitucionais dos indivíduos em suas especificidades (Brasil, 2015). De acordo com esta visão, a estudante B.C, 26 anos, do 10º semestre do curso de Psicologia da Uneb (Campus I), aponta:

“[...] é importante aprendermos Libras durante a graduação, para podermos prestar atendimento às pessoas surdas; existe uma falta grande, um apagamento neste sentido, no que diz respeito a profissionais capacitados para este tipo de atendimento; (...) e o que vemos de Libras na faculdade é insuficiente, raso...”.

“É muito importante a gente estudar Libras para que a sociedade se sinta incluída de fato”, respondeu T. F., 26 anos, estudante do 10º semestre. Esta fala corrobora o que é discutido por Begrow *et al.* (2018) ao apontarem que o maior obstáculo encontrado pelo surdo no acesso ao serviço de saúde é a comunicação, gerando insegurança, desconfiança, medo e frustração. Mesmo com a Lei nº 10.436/2002 e com o Decreto nº 5.626/2005, os quais deliberam sobre as mudanças necessárias em diferentes aspectos de educação e cuidado, a fim de garantir a prestação de serviços que atendam às especificidades da comunidade surda, sabe-

se que a realidade difere do previsto em lei, já que se vê pouco interesse por parte dos profissionais em capacitar-se para esta atuação (Begrow *et al.*, 2018).

Os surdos vivenciam a problemática da barreira da comunicação nos mais diversos âmbitos sociais, inclusive no âmbito do atendimento clínico psicológico. Por outro lado, é notório que os psicólogos não recebem na formação acadêmica uma habilitação para realizar atendimentos com a população surda, gerando a falta de preparo e visibilidade das questões relacionadas a essa comunidade.

A realidade é que os indivíduos surdos necessitam que os profissionais sejam conscientes e sensíveis para auxiliá-los no processo psicoterapêutico; portanto, um profissional capacitado poderá motivar o paciente a perceber-se como sujeito, na sua singularidade, para além de sua característica física (Macêdo; Torres, 2017 *apud* Rodrigues, 2020). Dessa forma, a dificuldade de comunicação entre profissional e paciente acaba comprometendo a relação terapêutica se não houver uma interação efetiva, dificultando tanto para o paciente quanto para o profissional (Casali, 2012).

Ainda sobre a importância do ensino da Libras, K. C., do 10º semestre, afirmou *“é muito importante romper com essa dificuldade de acessar os indivíduos surdos; (...) sem comunicação, o surdo não tem como iniciar a terapia”*. Assim, Casali (2012) ressalta que quando há barreiras na comunicação, o vínculo entre profissional e paciente fica prejudicado, afinal uma comunicação clara é primordial. Mesmo que haja a possibilidade da presença de um intérprete para facilitar a comunicação entre profissional e paciente, surgem dificuldades no que diz respeito ao vínculo e em expor determinadas situações por parte do paciente, além de evidenciar que o psicólogo não compreende a cultura e a identidade surda, deixando de utilizar estratégias mais adequadas a esse público. Desse modo, reforça-se o princípio de o psicólogo se comunicar diretamente pela Libras, evitando problemas com vínculo e dificuldades na exposição de questões pessoais do paciente, além de conhecer a cultura surda e conseguir estabelecer um atendimento mais efetivo (Rodrigues, 2020).

Apontamentos feitos por Mattioni (2018) com relação aos relatos de um paciente surdo serem traduzidos para o psicólogo, mediante um intérprete, inferem sobre a influência que pode haver das questões pessoais dele interferindo na eficácia do atendimento. Logo, como forma de melhor garantir essa eficácia, o próprio paciente deveria poder se expressar diretamente ao psicólogo, com toda a sua singularidade, sem o risco de ocorrer influências de terceiros.

Outra preocupação, além da qualidade da interpretação realizada, é a questão ética, ressaltando o que diz o Código de Ética Profissional do Psicólogo em seu Art. 9º: "É dever do psicólogo respeitar o sigilo profissional a fim de proteger, por meio da confidencialidade, a intimidade das pessoas, grupos ou organizações, a que tenha acesso no exercício profissional" (2005, p.13). Logo, torna-se necessário que o intérprete seja submetido a um termo de sigilo, garantindo o não vazamento de informações da sessão psicoterapêutica. Isso significa que, além de o sigilo ser prejudicado com a presença do intérprete, ainda é possível que o paciente aflore sentimentos como desconfiança e vergonha ao expor assuntos pessoais (Casali, 2012).

De acordo com Silva (2018), o sujeito surdo enfrenta diariamente inúmeras situações nas quais a comunicação é um verdadeiro empecilho para a sua acessibilidade em vários locais, até mesmo no seu próprio seio familiar. Esta realidade, por si só, já desperta um estresse exacerbado e uma série de problemas emocionais, por vezes psicológicos, como a ansiedade e depressão, haja vista a existência de uma espécie de pressão social para que o surdo se adapte às exigências do universo oralizado que o cerca. Dessa maneira, a fala de N. O., 27 anos, 10º semestre, ilustra bem a necessidade de uma formação bilíngue durante o curso de Psicologia:

“É importante porque aproxima a gente deste universo; a disciplina deu a possibilidade de ter contato com pessoas surdas; (...) percebi a receptividade delas; (...) existem muitas pessoas surdas que precisam e devem ser acessadas pela Psicologia”.

Contrera e colaboradores (2017 *apud* Da Costa, 2020) postulam que a probabilidade de ocorrência de ansiedade aumenta conforme o grau de surdez, Isso se deve ao fato de que, com o maior comprometimento da audição, maiores são os desafios enfrentados pelo indivíduo, sobretudo no aspecto da comunicação e no campo das interações sociais.

Outra entrevistada comentou:

“Acredito que é importante para que a gente consiga olhar a vulnerabilidade do outro para refletir, gerar mais empatia e igualdade; (...) percebo que existe muito estranhamento dos outros por conta da Libras; (...) muitos cursos nem sequer oferecem a disciplina” (R. S., 26 anos, 10º semestre do curso de Psicologia)“.

A percepção da estudante sobre o ensino de Libras na graduação reforça o que

foi apurado por Gomes e Ficagna (2017) ao dizerem que a sociedade deve buscar compreender a realidade das outras pessoas, especialmente as com deficiência, promovendo meios de acessibilidade para incluí-las e garantindo, desse modo, o poder de exercer seus papéis sociais.

Para que haja uma inclusão plena de todos os indivíduos e de suas particularidades, é de extrema importância que as barreiras sociais sejam diluídas, de modo que as acessibilidades tenham como princípio o desenho universal. Fica evidente que apenas então a inclusão poderá beneficiar todas as pessoas, com ou sem deficiência (Sasaki, 2006 *apud* Rodrigues, 2020).

É notório que a demanda de pessoas que precisam de psicoterapia é grande, e a realidade pós-pandemia reforçou este fato. Em vista disso, o profissional da psicologia tem que estar atento às variadas formas de intervenções existentes, uma vez que cada ser humano possui sua particularidade e subjetividade, trazendo consigo problemáticas diferentes. Logo, o psicólogo precisa ser flexível e criativo. Ademais, as pessoas com alguma deficiência, em grande parte dos casos, não possuem visibilidade pela sociedade, sofrendo com a exclusão; portanto, com os surdos não é diferente (Pereira *et al.*, 2021).

Ao ser perguntada sobre a sua percepção a respeito da importância do ensino da Libras durante a formação acadêmica, J. A., 25 anos, 10º semestre, pontuou: *“acho muito importante para garantir que as pessoas que estão se formando poderão atender a comunidade surda; (...) deveria ser ensinada a disciplina de Libras para todas as pessoas, mesmo sem vontade”*.

Já a estudante A.S, 22 anos, do 5º semestre, ressaltou o seguinte ponto de vista:

“Acredito que seja importante por conta da possibilidade de fazer as pessoas surdas terem acesso à psicologia; (...) diminuir a barreira entre as pessoas surdas e os serviços de psicologia; (...) também para a profissão isso abre mais possibilidades”.

Tais ponderações realizadas pelas estudantes entrevistadas corroboram o conceito acerca da importância da efetividade dialógica na vida dos seres humanos. Nesse sentido, a efetividade dialógica tudo tem a ver com a necessidade de expressar-se, seja qual for a maneira. Destarte, compreende-se a relevância da língua na constituição subjetiva do sujeito, além de sua influência no desenvolvimento pedagógico, psicológico, histórico, antropológico e sociocultural do indivíduo em

desenvolvimento (Pereira *et al.*, 2021).

Cruz e Lopes (2007) qualificam a comunicação como um processo de inclusão. Essa relação ocorre visto que, para se comunicar, o indivíduo deve estar incluído no seu meio como agente participativo da história; caso contrário, será um indivíduo isolado e excluído da sociedade.

Cabe destacar que o principal meio de interação do surdo é a Língua Brasileira de Sinais, a qual representa um papel expressivo na vida deste público, além de um direito linguístico, dado que fornece condições necessárias para a construção das relações culturais e interpessoais. Em outros termos, assegurar atendimento com a língua de sinais, como principal instrumento para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos do indivíduo surdo, é fundamental, até mesmo para a sua educação (Alves; Frassetto, 2015).

“Muito importante, principalmente, por ser uma das línguas oficiais do Brasil; (...) dá um repertório mais amplo para nossa atuação, além de melhorar a comunicação com as pessoas surdas”, relatou a estudante, A. M., 22 anos, 8º semestre.

O relato apresentado ratifica o que foi discutido por Rosa (2017) quando se fala no processo psicoterápico com surdos. A autora se posiciona expondo que o psicólogo tem como objetivo fazer o acolhimento ao sofrimento da pessoa surda, possuindo como ferramenta a psicoterapia, a qual amplia os recursos necessários, auxiliando no enfrentamento de seus conflitos internos. Desse modo, cabe ao profissional realizar adequações e adaptações no cenário clínico, sendo essas necessárias para a prática de atendimentos humanizados.

Dessarte, a humanização nas práticas de saúde refuta a ideia de segregação. No tocante à psicologia, Buzar (2016) destaca que utilizar uma “psicologia específica” para surdos acarretaria estereótipos contribuintes para rotulá-los como deficientes; acabaria, portanto, por excluí-los do processo de interação social. O autor esclarece que usar uma psicologia “exclusiva para surdos” resultaria em focalizar na característica do paciente. Todavia, a intenção da terapia é acolher todas as pessoas sem nenhum preconceito ou estereótipos estabelecidos pelo terapeuta ou pela sociedade.

Neste contexto, compreende-se o dever do psicólogo no sentido de trabalhar de forma integrada a inclusão desse público nas dimensões biopsicossociais, pautadas nas práticas interdisciplinares. Logo, o atendimento deve chegar de forma

leve ao paciente para fluir de maneira natural, para que o atendimento ocorra de forma adequada, alcançando o paciente de maneira satisfatória para ambos.

6.3 A APLICAÇÃO DAS OFICINAS DE LIBRAS

Nesta seção, será apresentada a experiência com a aplicação das oficinas de Libras, bem como as reflexões a partir das informações que surgiram. Inicialmente, foram planejadas oficinas presenciais com a participação de até 15 estudantes do Curso de Psicologia do Campus I, UNEB – independente do semestre em curso –, com duração de duas horas cada uma. O número de participantes foi pensado visando um grupo menor, o que facilitaria as discussões e aprofundamento da atividade proposta. Infelizmente, houve muita dificuldade para receber a confirmação dos estudantes que gostariam e teriam disponibilidade para participar das oficinas, resultando, portanto, na aceitação de apenas seis estudantes.

Devido ao contratempo mencionado, houve atraso para iniciar os encontros, necessitando reelaborar o cronograma, com o intuito de focar em uma experiência de prática mais intensa com a Língua Brasileira de Sinais. Sendo assim, juntamente com a professora, tradutora e intérprete de Libras, Thaiana Ferreira, responsável por lecionar as aulas, um novo cronograma foi instituído, levando em consideração o final do semestre acadêmico e a disponibilidade da profissional citada.

Quadro 5 - Novo cronograma das oficinas de Libras

Objetivo específico	Meta	Atividade	Responsável	Duração
<p>1ª Oficina:</p> <p>Potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia Bilíngue e suas implicações;</p> <p>(14/11/2023)</p>	<p>Coletar informações de 100 % dos estudantes sobre o que eles conhecem sobre identidade, cultura surda, Língua de Sinais e Psicologia Bilíngue.</p> <p>Iniciar o ensino da Língua de Sinais Brasileira;</p>	<p>Abertura: Saúde mental e Libras</p> <p>Apresentação de materiais sobre a exclusão social e os impactos na saúde mental de pessoas surdas; discussão sobre a importância da Libras para a construção de uma Psicologia Bilíngue.</p> <p>Aprendizagem de sinais básicos: cumprimentos; dias da semana;</p>	<p>Emile Cristina do Nascimento Costa (pesquisadora) e Thaiana Ferreira (Tradutora e Intérprete de Libras).</p>	<p>duas horas</p>

		números; verbos principais... Sistematização das oficinas: Google Forms Avaliação da oficina		
2ª Oficina: Trabalhar, a nível básico, o diálogo em Libras dos participantes. (16/11/2023)	Estimular os participantes a aprenderem sinais básicos para um diálogo efetivo inicial com pessoas surdas, por meio da utilização da Libras.	Apresentar sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais e sinais voltados à saúde mental. Sistematização da oficina: Google Forms Avaliação da oficina	Emile Cristina do Nascimento Costa (pesquisadora) e Thaiana Ferreira (Tradutora e Intérprete de Libras)	duas horas
3ª Oficina: Trabalhar, a nível básico, o diálogo em Libras dos participantes. (17.11.2023)	Estimular os participantes a aprenderem sinais básicos para um diálogo efetivo inicial com pessoas surdas, por meio da utilização da Libras. Foco maior em possíveis sinais utilizados numa anamnese/primeiro contato de um psicólogo com o paciente. Promover um momento de feedback sobre a experiência das oficinas.	Apresentar sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais e sinais voltados à saúde mental. Sistematização da oficina: Google Forms Avaliação da oficina	Emile Cristina do Nascimento Costa (pesquisadora) e Thaiana Ferreira (Tradutora e Intérprete de Libras)	duas horas

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Concretamente, aconteceram duas oficinas, no formato virtual, por se mostrar mais acessível para as estudantes interessadas. Para a primeira oficina, houve a confirmação de cinco participantes, porém, apenas duas compareceram na atividade; as demais justificaram imprevistos que impossibilitaram a presença. Na segunda oficina, logo após o feriado do dia 15 de novembro de 2023, apenas uma participante confirmou que estaria presente. Em diálogo com o grupo, expondo a necessidade do cumprimento das datas definidas inicialmente, as estudantes optaram por ter apenas mais uma oficina no dia 22 de novembro de 2023, uma terça-feira, por ser o melhor

dia para a maioria. Contudo, no dia combinado, apenas uma participante esteve presente, sendo finalizada a proposta de intervenção deste modo. Ao todo, houve apenas três estudantes participantes das oficinas.

Quadro 6 – Identificação dos Participantes

Identificação	Gênero	Semestre	Participação
R. G.	Feminino	8º	1ª Oficina
T. M.	Feminino	5º	1ª Oficina
A. J.	Feminino	5º	2ª Oficina

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Conforme o quadro apresentado, duas estudantes estavam no 5º semestre e apenas uma no 8º semestre. Tanto a participante R. G. quanto a participante T. M. informaram não ter aproximação com a Libras nem com a comunidade surda, mas reconheciam a importância da língua para um atendimento mais adequado com pessoas surdas. R.G. comentou que deveria ter a disciplina de Libras neste semestre, presencialmente; contudo, a disciplina não foi disponibilizada por não ter professor até o momento.

Já a estudante A. J., 5º semestre, afirmou ter tido contato com a Libras durante o Ensino Médio, quando estudava com alguns colegas surdos. Dessa forma, essa estudante já tinha um conhecimento prévio e básico de alguns sinais da Libras.

A 1ª Oficina iniciou-se por volta das 19h, do dia 14 de novembro de 2023, via *Google Meet*, sendo concluída às 20:30. Logo no começo, as estudantes foram convidadas a falarem sobre as expectativas em relação à atividade proposta e suas afinidades/interesses com a área dos Estudos Surdos. As duas participantes expressaram desejo em se aproximarem desta realidade, a fim de poderem ofertar um serviço adequado para pessoas surdas.

Após as apresentações das estudantes, iniciou-se a explanação, por parte da pesquisadora, sobre a importância de uma formação bilíngue, para que psicólogos possam atuar da melhor forma com a comunidade surda. De acordo com Jorge *et al.* (2022), o psicólogo deve ser cuidadoso e atento a cada indivíduo que busca pelo seu serviço, sabendo que seu paciente pode apresentar diversas características. Um paciente surdo, por exemplo, além de apresentar as demandas emocionais, as quais serão trabalhadas na psicoterapia, também possui uma característica física que faz parte de sua identidade – a surdez. Portanto, o psicólogo que deseja oferecer seu

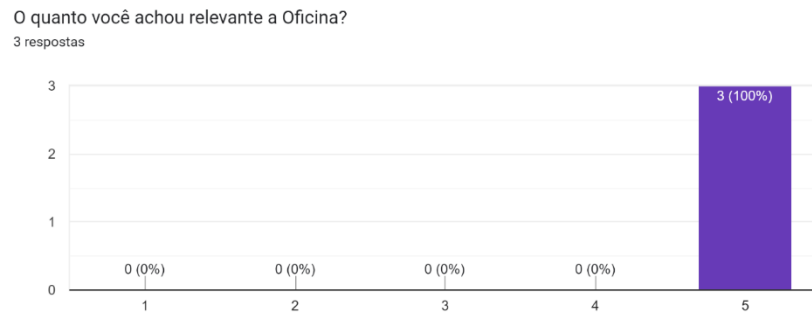
trabalho de maneira adequada e eficaz para pessoas surdas deve preparar-se durante a sua formação.

Em seguida, a tradutora e intérprete iniciou o ensino da Língua Brasileira de Sinais, utilizando-se da exposição de slides para apresentar e demonstrar os sinais, exibindo o movimento das mãos e a expressão facial. Conforme ensinava, as participantes, com as câmeras ligadas, repetiam os sinais e as expressões faciais ensinadas. A professora ensinou sobre os parâmetros da Língua de Sinais e sinais básicos, como números, cumprimentos, dias da semana e alguns verbos (ajudar, acalmar, ver, recomeçar, sofrer, angustiar, comer, agendar, entre outros). Quando surgiam dúvidas, as participantes sinalizavam, e a professora apresentava os sinais de outra forma, para que fosse mais compreensível. Ao final do encontro, foi enviado para as estudantes um formulário de avaliação no *Google Forms*, a fim de colher informações sobre a experiência das participantes.

A segunda – e última oficina – ocorreu no dia 22 de novembro de 2023, por volta das 18:30, sendo concluída, aproximadamente, às 19:45, com a presença de apenas uma estudante, identificada como A. J., que demonstrou muito interesse pela atividade. No início, a participante relatou sua proximidade com a Libras, iniciada ainda no Ensino Médio, quando estudou com colegas surdos, e seu conhecimento atual, a nível básico. Em seguida, foi apresentada, pela pesquisadora, a proposta da oficina que era de auxiliar no desenvolvimento de um diálogo efetivo entre o psicólogo e o paciente surdo. Dessa forma, com o material já elaborado pela pesquisadora, juntamente com a professora de Libras, foi ensinado como realizar uma anamnese/triagem com o paciente surdo no primeiro contato.

Neste encontro, foram apresentados sinais relacionados à saúde mental, tais como: depressão/deprimido, ansiedade, medo, *bullying*, violência e insônia. Também foi apresentado um formulário de triagem, o qual poderá ser utilizado na prática clínica dos estudantes, ainda durante a formação, a fim de realizarem um acolhimento inicial caso recebam um paciente surdo. Por fim, foi solicitado que a estudante preenchesse o formulário de avaliação da oficina, e a atividade foi encerrada.

No que diz respeito à avaliação das estudantes sobre as oficinas, todas afirmaram ter sido de grande relevância a experiência, conforme indica o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Relevância das oficinas

Fonte: elaborado pela autora (2023)

As respostas indicam que, embora tenha sido difícil acessar os estudantes, aquelas que puderam e desejaram participar entenderam a importância da aproximação entre a área da Psicologia com a Surdez. Ao serem encorajadas a relatarem, de forma sucinta, sobre como definiriam a vivência com as oficinas de Libras, as participantes fizeram relatos positivos, pontuando sobre como foi enriquecedor para a formação delas neste momento:

Figura 1 - Definições sobre a experiência com as oficinas de Libras

Em poucas palavras, como definiria a experiência?

3 respostas

Engajadora

Enriquecedora! Adquiri muitos conhecimentos na aula que participei.

Achei que foi muito produtivo e consegui aprender bastante conteúdo em pouco tempo.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A forma com que as oficinas foram conduzidas, de maneira que atendessem à necessidade das estudantes, contribuiu para que elas se vinculassem à atividade, já que as oficinas tinham como objetivo uma prática com a Libras voltada à área da Psicologia e da saúde mental.

Figura 2 - Contribuições acerca das oficinas

Deixe um elogio, sugestão ou crítica.

2 respostas

Achei bem didática, mas teve muito conteúdo

Gostaria que tivesse mais aulas! :)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Tendo em vista as dificuldades apresentadas pelos estudantes para participarem das oficinas e, até mesmo, as faltas nos dias combinados, é possível inferir que ainda existe uma baixa conscientização por parte da maioria dos acadêmicos sobre a importância da aproximação entre a Psicologia e os Estudos Surdos. Nesse contexto, Mattioni (2018) esclarece sobre o papel da atenção psicológica na promoção de saúde, inclusive, com pessoas surdas. Para isso, um diálogo efetivo se constitui como ferramenta fundamental para que o processo psicoterapêutico ocorra. No entanto, é notável que ainda são poucos os profissionais qualificados para prestar atendimento adequado a essa população.

A intervenção objetivou, portanto, a aproximação das participantes com a área da surdez relacionada à saúde mental, a partir de um espaço de discussão sobre a importância de uma formação bilíngue para psicólogos. Para isso, partiu-se do pressuposto de que, para além de fortalecer os conhecimentos acerca das conquistas e dos direitos da pessoa surda, era necessária uma vivência prática com a língua de sinais, haja vista que essa se constitui como parte fundamental da subjetividade do sujeito surdo.

Analisando a baixa adesão dos estudantes em relação às oficinas de Libras, é possível constatar que a pauta sobre a habilitação do profissional psicólogo para prestar serviço de qualidade às pessoas surdas ainda não é vista como uma urgência, uma vez que é imprescindível o conhecimento da Libras, com o fito de remover qualquer revés no acesso à cultura dos surdos. Nesta linha de pensamento, faz sentido pensar em como a formação profissional dos psicólogos necessita de avanços e melhorias no que diz respeito à qualificação no campo da surdez.

As práticas psicológicas precisam ser refletidas e efetuadas a partir da perspectiva humanizada, prestando serviços de qualidade a todas as pessoas,

sobretudo à comunidade surda, superando a ruptura na relação ouvinte/surdo devido às diferenças linguísticas. No entanto, para alcançar esta realidade, é necessária uma visão diferenciada e uma formação bilíngue para assistir, de forma adequada, a população surda.

7. PRODUTO

Este capítulo tem como objetivo apresentar o produto desenvolvido como resultado da intervenção realizada com estudantes do curso de Psicologia da UNEB, Campus I, como cumprimento da proposta do Programa de Pós-graduação em Intervenção Educativa e Social (PPGIES), sendo intitulado de “Relatório Técnico – A inserção de estudantes de Psicologia no mundo do silêncio através da implementação de oficinas de Libras”, o qual será entregue para o Colegiado de Psicologia da UNEB.

O relatório está estruturado em quatro partes: a primeira seção traz um texto introdutório, suscitando reflexões sobre a importância da aproximação dos Psicólogos com a Língua Brasileira de Sinais ainda durante a formação, bem como apresenta o objetivo principal do projeto de intervenção e os objetivos específicos, já mencionados ao longo deste trabalho. Em seguida, a próxima seção discorre sobre a operacionalização das oficinas de Libras, a metodologia aplicada, os desafios enfrentados, os objetivos alcançados e o material utilizado. A terceira seção trouxe a análise e a discussão dos resultados encontrados, através de imagens e de gráficos. Por fim, a última seção apresenta registros, em formato de *prints*, das oficinas realizadas.

A construção desse produto envolveu o conceito de expor, de forma escrita, a descrição de fatos verificados mediante a pesquisa de intervenção realizada. A sistematização do relatório acompanha a ideia de utilização de documentos demonstrativos, tais como tabelas, gráficos e outros. De um modo geral, este relatório foi elaborado com a pretensão de divulgar os dados obtidos e analisados, e registrá-los em caráter permanente.

Os encontros se configuraram em formato de oficinas, pois esse modelo propõe a ideia de troca de conhecimento, além de promover uma prática que, neste caso, foi a aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais e a construção de um diálogo efetivo com pacientes surdos. Após as discussões teóricas sobre o processo formativo de psicólogos, verificou-se a urgência de uma reformulação do currículo, a fim de que

haja uma vivência real dos estudantes com a língua de sinais e a cultura surda. Assim, como contribuição para auxiliar na construção desse espaço, foi proposta como forma interventiva a produção de um material informativo – o Relatório Técnico – que confirma os impactos positivos na formação dos estudantes de Psicologia ao terem acesso à temática da Psicologia Bilíngue, além de sugerir a intervenção realizada como uma ação e estratégia que pode ser replicada como ajuda na minimização do distanciamento entre a Psicologia e os Estudos Surdos.

Sendo assim, é importante pensar em diversas formas de estratégias para que a formação dos Psicólogos da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, seja cada vez mais bilíngue, resultando em avanços e mais oportunidades de acesso das pessoas surdas aos serviços psicológicos. Por conseguinte, o desenvolvimento deste produto visa ao compartilhamento de conhecimentos a respeito da formação em Psicologia e das contribuições que o ensino da Libras pode trazer aos futuros profissionais da área. Logo, acredita-se que a divulgação deste material se configura como estratégia facilitadora do processo ensino-aprendizagem, por meio do qual há transferência do conhecimento, permitindo aos participantes a aquisição de uma nova habilidade.

7.1 RELATÓRIO TÉCNICO

Título: A inserção de estudantes de Psicologia no mundo do silêncio através da implementação de oficinas de Libras

Palavras-chave: Libras; Formação; Subjetividade

Professora Orientadora: Dr^a Cláudia Regina de Oliveira Vaz Torres

Mestranda: Emile Cristina do Nascimento Costa

7.1.1 Introdução

Este projeto interventivo surgiu como uma reação na tentativa de promover maior aproximação de psicólogos em formação com a Língua Brasileira de Sinais. A história dos surdos no Brasil é marcada pela invisibilidade e exclusão resultantes dos padrões estabelecidos pela sociedade ouvinte, a qual compreende a surdez como uma deficiência; porém, para os surdos, trata-se de uma característica, que carrega consigo identidade própria, múltipla e multifacetada.

Para isso, o projeto teve como objetivo principal desenvolver oficinas de Libras com os estudantes de Psicologia da UNEB, Campus I, visando despertar a importância de uma formação bilíngue. Os objetivos específicos deste projeto foram: a) sensibilizar os participantes sobre a importância do conhecimento em Libras e dos estudos surdos durante a formação profissional; b) potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia bilíngue e suas implicações; c) fomentar um diálogo efetivo em Libras, a nível básico; d) construir um relatório técnico para ser entregue ao Colegiado de Psicologia.

Com o intuito de realizar aproximações sobre a importância do ensino da Libras na formação de psicólogos, a condução deste projeto ocorreu a partir da compreensão de que a língua possui função fundamental na construção da subjetividade individual, sendo esta percepção indispensável na construção de uma psicologia bilíngue para surdos. Desse modo, concebe-se que a execução deste projeto alcançou os objetivos, em decorrência dos ajustes necessários realizados e da avaliação realizada pelas estudantes participantes das oficinas de Libras.

7.1.2 Operacionalização das oficinas de Libras

Este projeto foi desenvolvido como uma pesquisa aplicada com elementos da pesquisa-ação, pois permite que o pesquisador desempenhe um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas (Thiollent, 1986).

As oficinas de Libras foram pensadas no formato de grupo de discussão, uma vez que consiste em reuniões com um pequeno número de participantes. O intuito foi, por meio deste grupo de discussão, focalizar a temática selecionada, promovendo a participação de todos e aprofundando a discussão (Minayo, 2011). Ao final das oficinas, o produto elaborado foi este relatório técnico trazendo informações sobre a atividade, o qual se destina ao colegiado do curso de Psicologia, na UNEB-Campus I, com o propósito de ter suas atividades reaplicadas.

Inicialmente, foram planejadas oficinas presenciais com a participação de até 15 estudantes do Curso de Psicologia do Campus I, UNEB, com duração de duas horas cada uma. Este era o cronograma:

Quadro 7 – Cronograma

Objetivo específico	Meta	Atividade	Responsáveis	Duração
1ª e 2ª Oficinas: Sensibilizar os participantes sobre a importância do conhecimento em Libras e dos estudos surdos durante a formação profissional;	Fortalecer em 50% dos participantes a importância da aproximação da Psicologia com a comunidade surda brasileira, através da exposição sobre a luta do povo surdo e sua exclusão social.	Apresentação do projeto de pesquisa/ Leitura do TCLE e esclarecimento sobre o documento. Realização de uma oficina (01) com os estudantes participantes. Abertura da oficina com dinâmica de apresentação; em seguida vídeo do poema “A dor do Silêncio”; relatos de surdos sobre a luta pela inserção social; apresentação em PowerPoint sobre os principais marcos e conquistas dos surdos brasileiros; mitos e verdades sobre a Libras. Sistematização da oficina: Google Forms Avaliação da oficina	A própria pesquisadora: Emile Cristina do Nascimento Costa	duas horas
3ª e 4ª Oficinas: Potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia Inclusiva e suas implicações;	Coletar informações de 100 % dos estudantes sobre o que eles conhecem sobre identidade, cultura surda, Língua de Sinais e Psicologia Bilíngue.	Abertura: Saúde mental e Libras Apresentação de materiais sobre a exclusão social e os impactos na saúde mental de pessoas surdas; discussão sobre a importância da Libras para a construção de uma Psicologia Bilíngue. Sistematização das oficinas: Google Forms Avaliação da oficina	A própria pesquisadora: Emile Cristina do Nascimento Costa	duas horas
4ª e 5ª Oficinas: Trabalhar, a nível básico, a o diálogo efetivo em Libras dos participantes.	Estimular os participantes a aprenderem sinais básicos para uma comunicação inicial com pessoas surdas, por meio da	Abertura da oficina: Poema em Libras – “Quer trocar?”. Apresentar sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais: cumprimentos; dias da semana; números; verbos principais... Sistematização da oficina: Google Forms	A própria pesquisadora: Emile Cristina do Nascimento Costa e a Tradutora e Intérprete de Libras: Thaiana Ferreira	duas horas

	utilização da Libras.	Avaliação da oficina		
6ª Oficina: Desenvolver uma oficina para recolha das percepções sobre a formação profissional de psicólogos.	Produzir em até 50% a sistematização de sugestões para serem introduzidas na produção do produto final.	A sexta oficina será um momento de os estudantes exporem o que pode ser feito por eles, a fim de inserirem a Libras dentro da sua formação profissional ainda durante a graduação.	A própria pesquisadora: Emile Cristina do Nascimento Costa	duas horas

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Infelizmente, houve muita dificuldade para receber a confirmação dos estudantes que gostariam e teriam disponibilidade para participar das oficinas, resultando, portanto, na aceitação de apenas seis estudantes. Devido a este contratempo, houve atraso para iniciar os encontros, necessitando reelaborar o cronograma, com o intuito de focar em uma experiência de prática mais intensa com a Língua Brasileira de Sinais. Destarte, juntamente com a professora, tradutora e intérprete de Libras, Thaiana Ferreira, responsável por lecionar as aulas, um novo cronograma foi instituído, levando em consideração o final do semestre acadêmico e a disponibilidade da profissional citada.

Quadro 8 – Novo cronograma

Objetivo específico	Meta	Atividade	Responsável	Duração
1ª Oficina: Potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia Bilíngue e suas implicações; (14/11/2023)	Coletar informações de 100 % dos estudantes sobre o que eles conhecem sobre identidade, cultura surda, Língua de Sinais e Psicologia Bilíngue. Iniciar o ensino da Língua de Sinais Brasileira;	Abertura: Saúde mental e Libras Apresentação de materiais sobre a exclusão social e os impactos na saúde mental de pessoas surdas; discussão sobre a importância da Libras para a construção de uma Psicologia Bilíngue. Aprendizagem de sinais básicos: cumprimentos; dias da semana; números; verbos principais... Sistematização das oficinas:	Emile Cristina do Nascimento Costa (pesquisadora) e Thaiana Ferreira (Tradutora e Intérprete de Libras).	duas horas

		Google Forms Avaliação da oficina		
2ª Oficina: Trabalhar, a nível básico, o diálogo em Libras dos participantes. (16/11/2023)	Estimular os participantes a aprenderem sinais básicos para um diálogo efetivo inicial com pessoas surdas, por meio da utilização da Libras.	Apresentar sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais e sinais voltados à saúde mental. Sistematização da oficina: Google Forms Avaliação da oficina	Emile Cristina do Nascimento Costa (pesquisadora) e Thaiana Ferreira (Tradutora e Intérprete de Libras)	duas horas
3ª Oficina: Trabalhar, a nível básico, o diálogo em Libras dos participantes. (17.11.2023)	Estimular os participantes a aprenderem sinais básicos para um diálogo efetivo inicial com pessoas surdas, por meio da utilização da Libras. Foco maior em possíveis sinais utilizados numa anamnese/primeiro contato de um psicólogo com o paciente. Promover um momento de feedback sobre a experiência das oficinas.	Apresentar sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais e sinais voltados à saúde mental. Sistematização da oficina: Google Forms Avaliação da oficina	Emile Cristina do Nascimento Costa (pesquisadora) e Thaiana Ferreira (Tradutora e Intérprete de Libras)	duas horas

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Concretamente, aconteceram duas oficinas, no formato virtual, por se mostrar mais acessível para as estudantes interessadas. Para a primeira oficina, houve a confirmação de cinco participantes, porém, apenas duas compareceram na atividade; as demais justificaram imprevistos que impossibilitaram a presença. Na segunda oficina, logo após o feriado do dia 15 de novembro de 2023, apenas uma participante confirmou que estaria presente. Em diálogo com o grupo, expondo a necessidade do cumprimento das datas definidas inicialmente, as estudantes optaram por ter apenas mais uma oficina no dia 22 de novembro de 2023, uma terça-feira, por ser o melhor dia para a maioria. Contudo, no dia combinado, apenas uma participante esteve presente, sendo finalizada a proposta de intervenção deste modo. Ao todo, houve apenas três estudantes participantes das oficinas.

Quadro 9 - Informações das participantes das Oficinas de Libras

Identificação	Gênero	Semestre	Participação
R. G.	Feminino	8º	1ª Oficina
T. M.	Feminino	5º	1ª Oficina
A. J.	Feminino	5º	2ª Oficina

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Na primeira oficina, a tradutora e intérprete iniciou o ensino da Língua Brasileira de Sinais, utilizando-se da exposição de slides para apresentar e demonstrar os sinais, exibindo o movimento das mãos e a expressão facial. Conforme ensinava, as participantes, com as câmeras ligadas, repetiam os sinais e as expressões faciais ensinadas. A professora ensinou sobre os parâmetros da Língua de Sinais, e sinais básicos como: números, cumprimentos, dias da semana e alguns verbos (ajudar, acalmar, ver, recomeçar, sofrer, angustiar, comer, agendar, entre outros). Quando surgiam dúvidas, as participantes sinalizavam, e a professora apresentava os sinais de outra forma, para que fosse mais compreensível. Ao final do encontro, foi enviado para as estudantes um formulário de avaliação no *Google Forms*, a fim de colher informações sobre a experiência das participantes. A seguir, será apresentado o material em PowerPoint utilizado na primeira oficina:

Figura 3 – Material utilizado na primeira oficina

Um atendimento humanizado precisa garantir o bem estar de todos os pacientes/clientes. Dessa forma, é necessário pensar em ações que vislumbrem uma boa atuação profissional.

Psicologia inclusiva

Profissionais bilíngues

Vamos aprender alguns sinais básicos

Cumprimentos
Esse será o momento em que você irá receber o paciente/cliente surdo. Seja cordial, e o cumprimento

DIAS DAS SEMANA

Vamos aprender alguns sinais básicos

A SEMANA INTEIRA

Vamos aprender alguns sinais básicos

NÚMEROS

QUANTIDADE

NÚMEROS ORDINAIS

Vamos aprender alguns sinais básicos

Verbos

Absorver, Acalmar, Encontrar, Acordar, Aconselhar/consolar, Acontecer

Vamos aprender alguns sinais básicos

Verbos

Agendar, Chamar, Combinar acordo, Começar, Comer, Conduzir/guiar, Sentir

Vamos aprender alguns sinais básicos

Verbos

Separar, Servir, Sofrer, Suicidar-se, Angustiar 1, Angustiar 2, Perceber

Vamos aprender alguns sinais básicos

Verbos

Ajudar, Recomeçar, Refletir/pensar, Rejeitar/desistir, Pedir, Ver, Falar

A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. Permita-se "ouvir" estas mãos, somente assim será possível mostrar aos surdos como eles pode "ouvir" o silêncio da palavra escrita. (Ronice Miller de Quadros)

Mãos que falam

Muito Obrigada!

A segunda – e última oficina – ocorreu no dia 22 de novembro de 2023, por volta das 19:30, sendo concluída, aproximadamente, às 20:45, com a presença de apenas uma estudante. A proposta da oficina foi de auxiliar no desenvolvimento de um diálogo efetivo entre o psicólogo e o paciente surdo. Dessa forma, com o material já elaborado pela pesquisadora, juntamente com a professora de Libras, foi ensinado sobre como realizar uma anamnese/triagem com o paciente surdo, no primeiro contato. Abaixo, encontram-se imagens do material utilizado nesta oficina:

Figura 4 – Material utilizado na Segunda Oficina

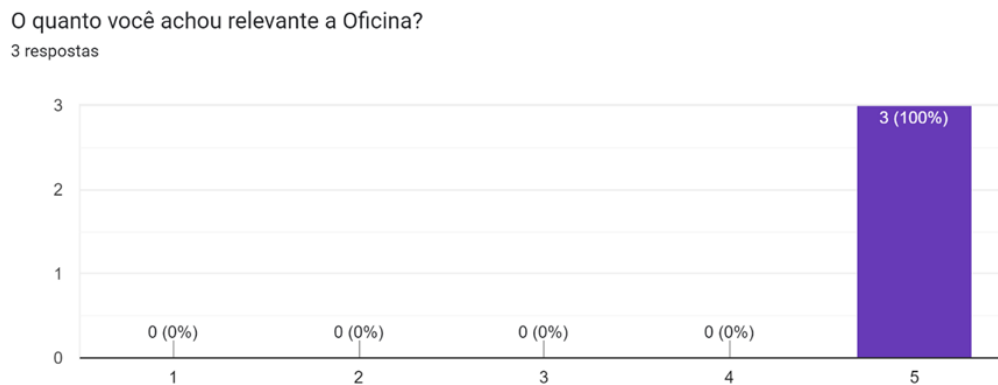


Fonte: elaborado pela autora (2023)

7.1.3 Análise e discussão dos dados obtidos

Por meio do preenchimento do questionário de avaliação sobre as oficinas, alguns dados foram obtidos. Ao serem questionadas sobre o quanto acharam relevante a oficina, todas afirmaram ter sido de grande relevância a experiência, conforme indica o gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Opinião das participantes sobre a oficina



Fonte: elaborado pela autora (2023)

As respostas indicam que, embora tenha sido difícil acessar os estudantes, aquelas que puderam e desejaram participar entenderam a importância da aproximação entre a área da Psicologia com a Surdez. Ao serem encorajadas a relatarem, de forma sucinta, sobre como definiriam a vivência com as oficinas de Libras, as participantes fizeram relatos positivos, pontuando sobre como foi enriquecedor para a formação delas este momento:

Figura 5 – Relato das participantes das oficinas

Em poucas palavras, como definiria a experiência?

3 respostas

Engajadora

Enriquecedora! Adquiri muitos conhecimentos na aula que participei.

Achei que foi muito produtivo e consegui aprender bastante conteúdo em pouco tempo.

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A forma com que as oficinas foram conduzidas, de maneira que atendessem à necessidade das estudantes, contribuiu para que elas se vinculassem à atividade, já que as oficinas tinham como objetivo uma prática com a Libras voltada à área da Psicologia e da saúde mental.

Figura 6 – Observações das participantes acerca das oficinas



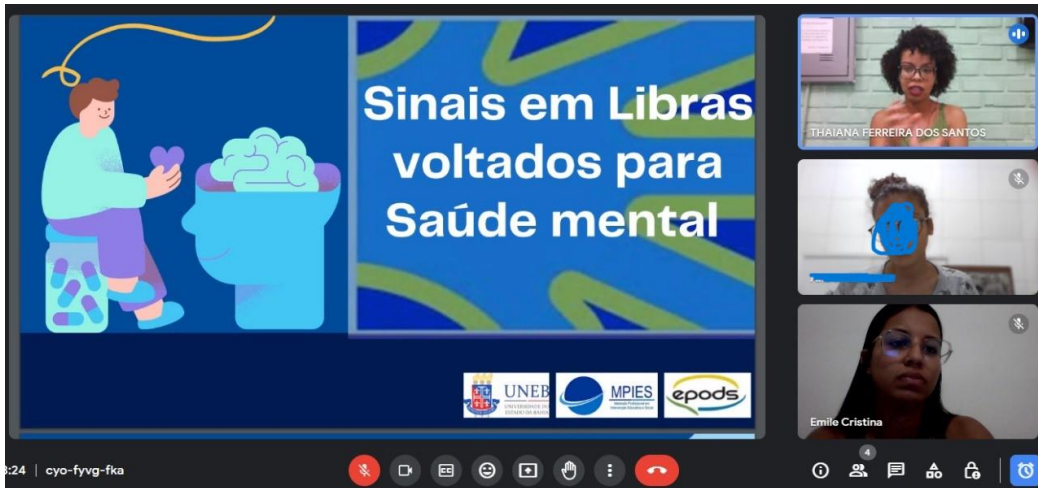
Fonte: elaborado pela autora (2023)

Tendo em vista as dificuldades apresentadas pelas estudantes para participarem das oficinas e, até mesmo, as faltas nos dias combinados, é possível inferir que ainda existe uma baixa conscientização por parte da grande maioria dos acadêmicos sobre a importância da aproximação entre a Psicologia e os Estudos Surdos. Um diálogo efetivo se constitui como ferramenta fundamental para que o processo psicoterapêutico ocorra. No entanto, é notável que ainda são poucos os profissionais qualificados para prestar atendimento adequado a essa população.

Analisando a baixa adesão dos estudantes em relação às oficinas de Libras, é possível constatar que a pauta sobre a habilitação do profissional psicólogo para prestar serviço de qualidade às pessoas surdas ainda não é vista como uma urgência, uma vez que é imprescindível o conhecimento da Libras, com o fito de remover qualquer revés no acesso à cultura dos surdos.

Com relação especificamente ao Curso de Psicologia da UNEB, nota-se que o fato de a Libras ser ofertada como matéria obrigatória aponta um grande avanço, haja vista que a maioria dos cursos não oferta a língua de sinais como disciplina obrigatória, mas sim como optativa. Contudo, mesmo tendo a Libras em sua grade curricular, é necessário destacar alguns aspectos negativos nesta proposta de formação, tais como a carga horária e a falta de aproximação dos estudos surdos com a área da Psicologia durante a formação. Oportunidades de vivenciar a Libras, como ocorreu por meio das oficinas, apresentam-se como uma estratégia de avanço no sentido de construir uma Psicologia Bilíngue.

7.1.4 Registros das oficinas



Saúde Mental

Deprimido Angustiar/Ansiedade

Medo Tristeza Estresse/nervoso

18:41 | cyo-fyvg-fka

Thaiana Ferreira dos Santos, Emile Cristina

This screenshot shows a Zoom meeting interface. The main content is a slide titled "Saúde Mental" (Mental Health) with a light blue background. It features seven line-art icons of a person's head and shoulders, each with a different expression. The top row shows "Deprimido" (Depressed) with a person looking down, and "Angustiar/Ansiedade" (Anxious/Worry) with a person holding their head. The bottom row shows "Medo" (Fear) with a person looking startled, "Tristeza" (Sadness) with a person looking down, and "Estresse/nervoso" (Stress/Nervous) with a person looking frustrated. To the right of these icons is a larger illustration of a person in a blue suit and yellow apron standing on a yellow platform. The Zoom interface includes a bottom toolbar with icons for mute, video, chat, reactions, share screen, hand raise, and call controls. The top right shows three video thumbnails: Thaiana Ferreira dos Santos, a person with a blue face, and Emile Cristina. The bottom left shows the time 18:41 and the ID cyo-fyvg-fka.

Saúde Mental

Deprimido Angustiar/Ansiedade


Medo Tristeza Estresse/nervoso

18:46 | cyo-fyvg-fka


Thaiana Ferreira dos Santos, Emile Cristina

This screenshot is identical to the one above, showing the same Zoom meeting interface with the "Saúde Mental" slide. The time in the bottom left corner is now 18:46. The video thumbnails on the right show Thaiana Ferreira dos Santos with a play button icon, indicating her video is muted, and Emile Cristina. The rest of the interface, including the slide content and toolbar, remains the same.


Saúde Mental




Violento/bruto



Insônia



Bullyng
Vício
Discriminação
Violência

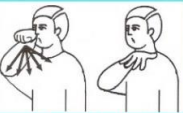


18:49 | cyo-fyvg-fka


THAIANA FERREIRA DOS SANTOS

Emile Cristina


Saúde Mental




Violento/bruto



Insônia



Bullyng
Vício
Discriminação
Violência



18:51 | cyo-fyvg-fka

THAIANA FERREIRA DOS SANTOS

Emile Cristina

Triagem

Saúde Mental

- I. DADOS GERAIS
- Nome/Nome Social?
- Nascimento?
- Idade?
- Estado civil?
- RG?
- CPF?
- Naturalidade?
- Endereço?
- Telefone?
- Celular?
- Escolaridade (nível médio, fundamental etc)?
- Formação Profissional (técnica e graduação)?
- Ocupação (atual)?
- Autodeclaração étnico-racial (raça social/cor de pele)?



18:54 | cyo-fyvg-fka

THAIANA FERREIRA DOS SANTOS


Emile Cristina


Triagem

Saúde Mental

I. DADOS GERAIS

- Nome/Nome Social?
- Nascimento?
- Idade?
- Estado civil?
- RG?
- CPF?
- Naturalidade?
- Endereço?
- Telefone?
- Celular?
- Escolaridade (nível médio, fundamental etc)?
- Formação Profissional (técnica e graduação)?
- Ocupação (atual)?
- Autodeclaração étnico-racial (raça social/cor de pele)?





THAIANA FERREIRA DOS SANTOS


Emile Cristina


Triagem

Saúde Mental

I. DADOS GERAIS

- Nome/Nome Social?
- Nascimento?
- Idade?
- Estado civil?
- RG?
- CPF?
- Naturalidade?
- Endereço?
- Telefone?
- Celular?
- Escolaridade (nível médio, fundamental etc)?
- Formação Profissional (técnica e graduação)?
- Ocupação (atual)?
- Autodeclaração étnico-racial (raça social/cor de pele)?





THAIANA FERREIRA DOS SANTOS

Emile Cristina

Mãos que falam



Muito obrigada !



THAIANA FERREIRA DOS SANTOS

Emile Cristina

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área da Psicologia Bilíngue, aos poucos, tem ganhado mais destaque devido ao reconhecimento da importância da qualificação de psicólogos preparados para oferecer seus serviços de forma adequada para as pessoas surdas. O currículo formativo dos cursos de Psicologia está pautado nas perspectivas dos Direitos Humanos, na diversidade e na inclusão; contudo, é perceptível que a formação destes profissionais ainda não consegue absorver os requisitos de uma Psicologia Bilíngue atenta à comunidade surda.

Considerando a importância do papel dos profissionais psicólogos na sociedade, sobretudo nos tempos atuais pós-pandemia, nota-se que há uma responsabilidade implicada na mudança do paradigma da atenção dada às demandas emocionais da pessoa surda, sendo, portanto, necessário um olhar mais crítico às diretrizes curriculares do curso.

Perante o exposto, esta pesquisa buscou compreender a importância do ensino da Libras e de suas contribuições para a formação de psicólogos bilíngues no Campus I da Universidade do Estado da Bahia. Para isso, foi fundamental analisar as diretrizes gerais dos cursos de Psicologia, bem como a matriz curricular especificamente do curso da UNEB, levando em conta os pontos positivos e negativos da proposta formativa, além de investigar a visão dos estudantes sobre a própria vivência na formação.

O contato inicial com as estudantes de psicologia da UNEB, dentro do seu ambiente acadêmico, possibilitou conhecer mais sobre o processo formativo e a aproximação dos estudantes com a Língua Brasileira de Sinais durante a graduação, considerando o nível de aprofundamento e a percepção da importância para uma formação profissional mais qualificada.

As entrevistas realizadas neste estudo possibilitaram visualizar a percepção, o nível de conhecimento, os avanços e os pontos frágeis na formação dos estudantes com relação à Libras. A percepção de urgência dos estudantes por uma formação mais vinculada com a área dos Estudos Surdos transbordou durante as falas, possibilitando pensar para além do contato com a língua de sinais na graduação, identificando as barreiras instaladas no processo formativo atual.

No decorrer da construção dessa pesquisa, tanto no referencial teórico quanto nas falas das participantes, fica visível que ainda é limitante e superficial o estudo da

Língua Brasileira de Sinais por parte dos psicólogos, e, mesmo com a oferta da disciplina, a formação bilíngue não é garantida. Cabe destacar, todavia, que esta pesquisa conseguiu responder aos objetivos a que se propôs.

Durante o processo de coleta e análise de dados, um dado que chama a atenção é o fato de a maioria dos estudantes terem noções básicas sobre a Libras, tais como o regionalismo e o reconhecimento de que não se trata de uma linguagem, mas sim de uma língua. Contudo, por mais que os entrevistados apresentem esses conhecimentos básicos, eles também têm convicção sobre o quanto a formação oferecida está aquém de ser definida como bilíngue. Assim, fica evidente que a surdez não é uma temática prioritária durante a formação dos psicólogos.

A Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05 trouxeram vários avanços para o reconhecimento da Libras, assim como para o seu ensino obrigatório em diversos cursos de nível superior. Entretanto, isto não abrangeu a Psicologia, dando margem para que, ainda hoje, a língua seja encarada como disciplina optativa em boa parte dos currículos. Tais fragilidades apontam para a necessidade de novas estratégias com o fito de estreitar a relação entre a Psicologia e a Surdez.

A matriz curricular do curso de Psicologia da UNEB pode ser classificada como um avanço, uma vez que já oferece a Libras como disciplina obrigatória, diferenciando-se de muitas instituições. No entanto, mesmo com este progresso, é possível averiguar que a oferta da língua de sinais com uma carga horária de 60h ainda é insuficiente para alcançar uma formação bilíngue consistente. É importante que o conteúdo da disciplina aborde além da gramática de Libras, ou seja, que trabalhe aspectos histórico-culturais da comunidade surda, discussões sobre estigmas e preconceitos que os surdos sofrem e, imprescindivelmente, a construção de um diálogo efetivo com pessoas surdas sinalizadas.

Ressalta-se que esta pesquisa não finda o tema Psicologia Bilíngue e a formação de psicólogos, embora tenha a intenção de estimular discussões e suscitar possibilidades de mais progressos nesta área. Pretende-se, aqui, evidenciar as fragilidades e necessidades referentes ao currículo formativo dos psicólogos, podendo servir como auxílio para possíveis mudanças nesta atual realidade.

É importante destacar que as dificuldades encontradas ao longo da realização desta pesquisa, em relação à tentativa de contato com os estudantes, possivelmente podem estar relacionadas à falta de interesse e de sentimento de urgência por parte

da maioria dos psicólogos em formação. A resistência de aceitação para participar das atividades propostas fomenta uma emergente reflexão sobre a importância dada por estes profissionais com respeito a uma formação bilíngue adequada.

Frente às constatações postas, emergiu, desta pesquisa, uma proposição no que diz respeito à estratégia de promover momentos de imersão em Libras, por meio de oficinas, como tentativa de ampliar o interesse e a vivência dos estudantes com a Língua de Sinais Brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elizabete Gonçalves; FRASSETTO, Silvana Soriano. Libras e o desenvolvimento de pessoas surdas. **Aletheia**, v. 46, p. 211-221, 2015.
- BARBOSA, Leonarley Rodrigo Silva. A Língua Brasileira de Sinais como inclusão social dos surdos no sistema educacional. **Revista Polyphonía**, v. 22, n. 1, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (3a reimp. da 1a ed.). Lisboa: Edições, v. 70, 2016.
- BARROS, Natália Costa *et al.*. Produções científicas em psicologia e surdez no estado de Pernambuco. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, p. e192911833-e192911833, 2020.
- BEGROW, Desirée De Vit *et al.*. A (In) visibilidade do surdo na atenção primária: Relato de experiência. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 42, n. 4, p. 753-762, 2018.
- BISOL, Cláudia A.; SIMIONI, Janaína; SPERB, Tânia. Contribuições da psicologia brasileira para o estudo da surdez. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 21, p. 392-400, 2008.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. **Psicologia sócio-histórica**, v. 3, p. 15-35, 2001.
- BRASIL. Resolução CNE/CES 5/2011, de 15 de março de 2011. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, março de 2011.
- BRASIL. Resolução CNE/CES 01/2023, de 11 de outubro de 2023. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, outubro de 2023.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dezembro de 2005.
- BRASIL. Lei federal nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, 25 de abril de 2002.
- BRASIL. Casa Civil. **Lei Nº 13.146, de 6 de julho 2015**. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, 2015.
- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: TB-Edições Tempo Brasileiro, 2010.

BUZAR, Edelce Aparecida Santos. **Da Libras ao silêncio**: implicações do olhar winnicottiano aos sujeitos surdos em sofrimento psíquico grave. Tese de Doutorado. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília. 2016.

CAMARGOS, Gláucio; ÁVILA, Lazslo Antonio. A interface da psicologia com a surdez: uma revisão sistemática. **Revista de Psicologia**, v. 10, n. 2, pág. 202-216, 2019.

CASALI, D. **O atendimento psicológico ao surdo usuário da libras no município de Itajaí-SC. 2012**. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) -Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí. 64 f. 2012

CRUZ, Mafalda Luzia Coelho Madeira; LOPES, Vanessa Marques. Inclusão social do deficiente auditivo: uma reflexão do atendimento do psicólogo na internação hospitalar. **CES Revista**, v. 21, p. 191-202, 2007.

DA COSTA, Juliana Sousa *et al.*. Exclusão Social da Pessoa Surda: Possíveis Impactos Psicológicos. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 19, p. 86-97, 2020.

DA FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. 2002

DALCIN, Gladis. **Psicologia da educação de Surdos**. Apostila usada na Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura Letras: Libras, 2009.

DARDE, Aline Olin Goulart *et al.*. Estudantes surdos não falantes da libras e o atendimento educacional especializado: uma análise das políticas públicas de educação inclusiva. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2018.

DA SILVA GONZALES, Maressa Ferreira. **ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A ADULTOS SURDOS: desafios para a psicologia inclusiva**. Tese de Doutorado (Doutorado em Psicologia). Universidade Paulista. 2018.

DE AGUIAR, Karoline Giele Martins; CORDEIRO, Enza Carolina Rodrigues. Acessibilidade do surdo ao atendimento psicológico na saúde mental. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, v. 2, p. e11777-e11777, 2021.

DE OLIVEIRA MARTINS, Vanessa Regina; RIBEIRO NASCIMENTO, Lilian Cristine. Algumas Análises Da Disciplina De Libras Nos Cursos De Licenciaturas: Reflexões E Desdobramentos. **Revista Científica Intellectus**, v. 31, n. 3, 2015.

DE SOUZA, Marcos Torres; PORROZZI, Renato. Ensino de libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. **Revista Práxis**, v. 1, n. 2, 2017.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2011.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Código de Ética Profissional. Conselho Federal de Psicologia**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades**, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 out 2023.

ESPOTE, Roberta; SERRALHA, Conceição Aparecida; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Inclusão de surdos: revisão integrativa da literatura científica. **Psico-USF**, v. 18, p. 77-88, 2013.

FERREIRA JUNIOR, Jesaías Leite; BEZERRA, Henrique Jorge Simões; ALVES, Edneia de Oliveira. Atendimento psicológico à pessoa surda por meio da Libras no Brasil: Uma revisão de literatura. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 537-556, dez. 2021.

FURTADO, HANNA BEER. **Direitos linguísticos como direitos fundamentais: as políticas linguísticas para as comunidades surdas no ordenamento jurídico brasileiro**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Direito). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária. In: **Congresso Internacional de Pedagogia Social**. 2012.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GOMES, Elisângela Ferreira; FICAGNA, Rosilei Gugel. **Acessibilidade como processo de inclusão de estudantes com deficiência física no contexto escolar**. Monografia de Pós-Graduação - Faculdades de Itapiranga, 2017.

GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; SILVA, Joilson Pereira. O estudo da surdez e deficiência auditiva nas Terapias Cognitivas-Comportamentais: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 23, p. 1-27, 2021.

HALABE, Dannilo Jorge Escorcio. **A psicanálise realizada em libras: demandas e desafios da clínica com pacientes surdos**. Tese de Doutorado. Dissertação (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade Católica de São Paulo, 2018.

JORGE, Lucas Alexandre; PIZATO, Elaine Cristina Gardinal; RODRIGUES, Viviane. O atendimento psicoterapêutico de pessoas surdas: desafios e possibilidades da comunicação em libras. **Conhecimento & Diversidade**, v. 14, n. 34, p. 187-203, 2022.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada.** Lisboa: Horizontes pedagógicos, 1992.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber.** Belo Horizonte: UFMG, v. 340, p. 1990, 1999.

LEMOS, Andréa Michiles; CHAVES, Ernando Pinheiro. A disciplina de Libras no ensino superior: da proposição à prática de ensino como segunda língua. **Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino**, v. 16, 2012.

MATTIONI, Denise Aparecida. Reflexões sobre o atendimento à pessoa com surdez: desafio para a psicologia. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, 2019.

MAZZU-NASCIMENTO, Thiago *et al.*. Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. **Audiology-Communication Research**, v. 25, p. e2361, 2020.

MUNCINELLI, Sandra Elisa. Libras: língua brasileira de sinais. **Extensão em Foco**, v. 1, n. 1, p. 27-33, 2013.

NEVES, Juliana Torres Porto das. Psicoterapia Psicanalítica com pacientes surdos: um estudo qualitativo sobre características e adaptações técnicas da prática. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria e Ciências do Comportamento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2018.

NOBOLI, Ana Flávia; ABRÃO, Larissa Guimarães Martins. O atendimento psicológico clínico para surdos: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 1192-1207, 2022.

OLIVEIRA, Liliene Moreira; HADLER, Oriana Holsbach. Psicologia e Surdez: governando a diferença e outras margens possíveis. **Barbarói**, p. 139-161, 2015.

PEREIRA, Bianca Aparecida Marques; LOURENÇO, Lélío Moura. Surdez E Psicologia Clínica: Contribuições Da Literatura. **Revista Eletrônica do psicologia**, p. 1-26, 2017.

PEREIRA, Vanessa Alves; ARAÚJO, Karoliny Vilela; DE ALMEIDA SILVA, Jucineide Lima. PSICOTERAPIA PARA PESSOAS COM SURDEZ: UM PROCESSO DE INCLUSÃO. **Revista Científica Novas Configurações–Diálogos Plurais**, v. 1, n. 3, p. 20-30, 2021.

PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. **Santa Cruz do Sul: EDUNISC**, v. 1, 2004.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, n. Especial 2, p. 17-31, 2014.

PRATES, Bianca Veiga *et al.*. Considerações sobre a formação do psicólogo no

Brasil: Revisão sistemática. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n.2, p. 97-115, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; BECKER KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Rio Grande do Sul: Artmed, 2007.

RAMOS, Clélia Regina. LIBRAS: a língua de sinais dos surdos brasileiros. **Revista virtual de cultura surda**, 2004.

RODRIGUES, Jaine. Fatores relacionados à eficácia do atendimento psicológico clínico a pacientes surdos. **Psicologia-Pedra Branca**, 2020.

ROSA, Patrícia da. **No encontro intercultural, o encontro terapêutico: prática clínica com surdos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2017.

ROSA, Patrícia da; NUNES, Karla Gomes. O PSICÓLOGO NA ESCUTA CLÍNICA COM SURDOS: UMA PRÁTICA EM CONSTRUÇÃO. **Anais do Salão de Ensino e de Extensão**, p. 256, 2017.

ROSSI, Renata Aparecida. A Libras como disciplina no ensino superior. **Revista de Educação**, v. 13, n. 15, 2010.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neurolingüísticas. São Paulo: Plexus, 2007

SANTOS, Emanuelli Zequinelli Rosa dos *et al.*. A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E AS PRÁTICAS DE ATENDIMENTO À POPULAÇÃO SURDA. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 8, n. 9, 2021.

SILVA, L.O; FREIRE, H. B. G.; NORIEGA, J. A. V. Adaptação Da Escala De Coping De Billings E Moos (Ecbm) Para Surdos: Um Estudo Pi-Loto. **Revista Electrónica de Psicología Iztacala**, v. 21, n. 2, p. 478, 2018.

SILVA, Wesley Kozlik; PITTNER, Pollyana. A língua de sinais na formação do profissional da área de ciências humanas e sociais aplicadas. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-18, 2019.

SKLIAR, Carlos *et al.*. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. A surdez: um olhar sobre as diferenças. **Mediação**, Porto Alegre, p. 7-32, 2005, 3ª ed.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da Clínica**, v. 5, n. 9, p. 32-51, 2000.

SOARES, Márcia Torres Neri. A proposta curricular em ação: caminhos formativos para o (re) pensar da organização pedagógica e a deficiência no espaço

escolar. **Research, Society and Development**, v. 2, n. 2, p. 107-121, 2016.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, p. 18-37, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez editora, 1986.

TOSTES, Raissa Siqueira. A atuação de psicólogo bilíngue no atendimento terapêutico à pessoa surda. Dissertação de Mestrado. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, 2018.

VYGOTSKI L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICE A - ENTREVISTA

ENTREVISTA COM ESTUDANTES DO SERVIÇO DE PSICOLOGIA – UNEB CAMPUS I

DATA DA AVALIAÇÃO:
NOME DA ENTREVISTADORA:
LOCAL DA ENTREVISTA:

DADOS GERAIS DO ENTREVISTADO

IDADE: _____ DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____

ESCOLARIDADE: _____

SEMESTRE: _____

SEXO: F () M () OUTROS ()



PROFISSÃO: _____

OCUPAÇÃO: _____

QUESTÕES

- 1) Você convive ou já conviveu com pessoas surdas? Se sim, em que ambiente?
- 2) O que você sabe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras)?
- 3) Você já se interessou em aprender Libras? Por quê?
- 4) Durante a sua vivência acadêmica, você teve ou ainda terá acesso a Libras? Se sim, de que forma e por quanto tempo?
- 5) O que você entende por psicologia inclusiva?
- 6) Enquanto estudante de psicologia, você acredita que os psicólogos estão prontos para acolher e desenvolver práticas com as pessoas surdas? Para você, qual seria a maior dificuldade?
- 7) Na sua percepção, qual a importância de estudar Libras durante a formação acadêmica?
- 8) O que você vê como o maior problema com relação à acessibilidade de surdos nos atendimentos psicoterapêuticos?
- 9) O que pode ser feito por você a fim de contemplar a falta na sua formação tratando-se de uma psicologia bilíngue para surdos?
- 10) Na sua percepção, o que representa uma formação que te habilite a atender pessoas surdas?

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
TCLE**

<p>DEDC Departamento de Educação Campus XI – Serrinha</p>  <p>UNEB UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA</p>	 <p>MPEB Ministério Público do Estado da Bahia Promotoria de Justiça</p>
<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA</p>	

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC XI
MESTRADO PROFISSIONAL EM INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante:		Sexo: F () M ()	
Data de Nascimento:	Documento de Identidade nº:		
Endereço:	Nº:	Complemento:	
Bairro:	Cidade:	CEP:	
E-mail:		Celular:	

II - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA

O (a) senhor (a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa: **“O ENSINO DA LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS BILÍNGUES DO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA”** de responsabilidade da pesquisadora **Emile Cristina do Nascimento Costa**, discente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo compreender a percepção de estudantes de Psicologia sobre a importância do ensino da Libras durante a formação profissional.

Esta pesquisa apresenta como benefício a oportunidade do participante integrar os conhecimentos científicos, competências técnicas e atitudes face aos problemas atuais destacando o ensino da Libras e suas contribuições para a formação de psicólogos bilíngues.

Caso aceite, o(a) senhor(a) responderá à entrevista elaborada e conduzida pela aluna Emile Cristina do Nascimento Costa do **Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES)**. Devido à coleta de informações o(a) senhor(a) poderá se sentir constrangido(a) ou desconfortável. Existe um **“RISCO MÍNIMO”** que é a possibilidade de que o participante se sinta constrangido em falar sobre a temática com a investigadora, mas esta estará presente neste momento para lembrar que na pesquisa todas as opiniões são respeitadas. Caso haja qualquer mobilização a nível psicológico em algum participante da pesquisa, garante-se que este será encaminhado para avaliação e acompanhamento psicológico com a Psicóloga Aline Barros de Oliveira Gouveia – CRP 03/25001.

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o(a) senhor(a) não será identificado(a). Caso queira, o(a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Os dados e instrumentos utilizados ficarão arquivados com o pesquisador responsável, por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você. A pesquisadora tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Quando

terminar a pesquisa irei mostrar os resultados para senhor(a).

Quaisquer dúvidas que o(a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o(a) senhor(a), caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia.

O (a) senhor(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

III - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

PESQUISADOR RESPONSÁVEL:

Contato para dúvidas: Professora Dra. Cláudia Regina De Oliveira Vaz Torres, celular (71) 99967-7639. **E-mail:** vaztorres@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UNEB. Endereço: Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador - BA. **CEP:** 41.150-000. **Telefone:** (71) 3117-2445. **E-mail:** cepuneb@uneb.br.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP. Endereço: SEPN 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde - Brasília - DF. **CEP:** 70750-521.

IV - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos, benefícios e riscos de minha participação na pesquisa “**O ENSINO DA LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS BILÍNGUES NO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário. Consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

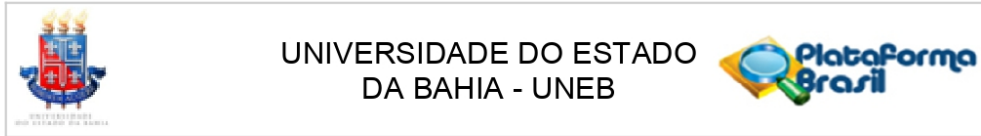
Serrinha, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora discente

Assinatura da professora responsável

APÊNDICE C – PARECER SUBSTANCIADO - CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ensino da Libras e suas contribuições para a formação de psicólogos bilíngues no Campus I da Universidade do Estado da Bahia

Pesquisador: EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68369123.0.0000.0057

Instituição Proponente: Departamento de Educação - Campus XI/UNEB

Patrocinador Principal: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB
Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.061.980

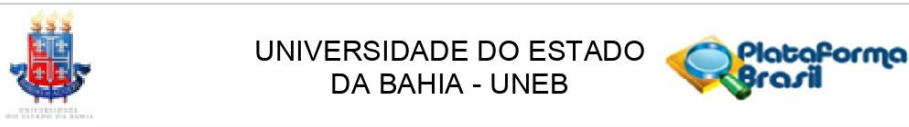
Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa se dispõe a compreender a percepção de estudantes de Psicologia sobre a importância do ensino da Libras durante a formação profissional e, para isso, surge o seguinte problema de pesquisa: Quais são as implicações do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) durante o processo formativo na percepção dos estudantes de Psicologia do Campus I da UNEB? Este projeto trata-se de um estudo exploratório e qualitativo. A pesquisa valer-se-á de cunho eminentemente bibliográfico a fim de possibilitar maior familiaridade e domínio sobre o tema pesquisado. Posteriormente, a pesquisa será de campo, uma vez que é necessário entrevistar um grupo de 15 estudantes do Serviço de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus I, em Salvador. Os dados obtidos serão submetidos a uma análise quantitativa e uma análise qualitativa a partir do cotejo entre as respostas obtidas e os conhecimentos teóricos elencados com a pesquisa bibliográfica, utilizando-se da análise de conteúdo definida como uma técnica de análise das comunicações, que irá investigar o que foi dito nas entrevistas ou observado pelo pesquisador, para assim serem estruturadas as oficinas de comunicação em Libras propostas ao Serviço de Psicologia da UNEB

Critério de Inclusão:

Para a realização da pesquisa alguns critérios de inclusão e exclusão serão necessários. Todos os

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.061.980

estudantes atuantes no Serviço de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia (Campus I) serão incluídos na realização da pesquisa. Porém, serão excluídos do estudo os estudantes que não fazem parte do Serviço de Psicologia da UNEB (Campus I).

Critério de Exclusão:

Não poderão participar deste estudo, estudantes que não façam parte do Serviço de Psicologia da UNEB (CAMPUS I).

N=15

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a percepção de estudantes de Psicologia sobre a importância do ensino da Libras durante a formação profissional.

Objetivo Secundário:

Analisar as percepções que os estudantes de Psicologia têm sobre a LIBRAS; Investigar a concepção que os estudantes possuem sobre surdez, identidade e cultura surdas; Identificar como os estudantes de Psicologia compreendem o papel do psicólogo no atendimento às pessoas surdas; Promover oficinas de comunicação em LIBRAS para os estudantes do Curso de Psicologia da Universidade do Estado da Bahia – Campus I, na cidade de Salvador

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avaliação de riscos e benefícios para o pesquisador:

"Riscos: Existe um "RISCO MÍNIMO" que é a possibilidade de que o participante se sinta constrangido em falar sobre a temática com a investigadora, mas esta estará presente neste momento para lembrar que na pesquisa todas as opiniões são respeitadas. Caso haja qualquer mobilização a nível psicológico em algum participante da pesquisa, garante-se que este será encaminhado para avaliação e acompanhamento psicológico, que poderá ser realizado com a Psicóloga Aline Barros de Oliveira Gouveia – CRP 03/25001.

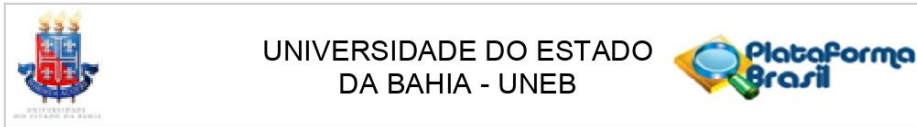
Benefícios:

Este estudo apresenta como benefício principal a oportunidade de o participante auxiliar no desenvolvimento do projeto sobre o conhecimento acerca da importância do ensino da LIBRAS para a formação profissional de psicólogos bilíngues."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é exequível

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.061.980

A metodologia está adequadamente descrita para apreciação ética

A análise de riscos e benefícios atende as normativas das pesquisas envolvendo seres humanos

O cronograma e orçamento estão descritos atentar para os prazos de aceite dos documentos na plataforma e período de apreciação ética e ajustar a data do início da coleta de dados para acontecer após apreciação ética por esse CEP

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em relação ao documentos na perspectiva da norma:

- 1- Termo de compromisso dos pesquisadores: em conformidade
- 2- Carta de Anuência da proponente: em conformidade
- 3- Folha de rosto: em conformidade
- 4- Termo de confidencialidade dos pesquisadores: em conformidade
- 5- TCLE: em conformidade

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

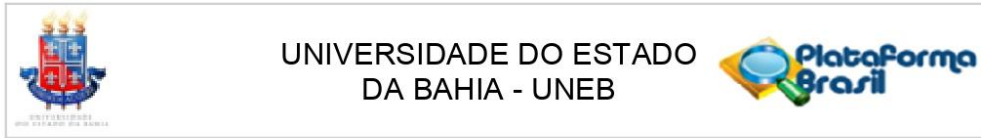
Após a análise consideramos que o projeto encontra se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br



Continuação do Parecer: 6.061.980

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2090911.pdf	28/03/2023 18:27:08		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_autorizacao_institucional_da_coparticipante.pdf	28/03/2023 18:26:15	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso_do_pesquisador.pdf	22/03/2023 12:01:46	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_autorizacao_institucional_da_proponente.pdf	22/03/2023 11:58:55	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_confidencialidade.pdf	22/03/2023 11:58:22	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia_com_o_desenvolvimento_do_projeto_de_pesquisa.pdf	22/03/2023 11:57:37	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	22/03/2023 11:53:16	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	28/02/2023 09:48:14	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	28/02/2023 09:46:31	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_EMILE.pdf	28/02/2023 09:41:17	EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 16 de Maio de 2023

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos - site www.cep.uneb.br **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3612-1330 **Fax:** (71)3612-1300 **E-mail:** cepuneb@uneb.br/www.cep.uneb.br

Página 04 de 04

APÊNDICE D – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a Emile Cristina do Nascimento Costa a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado O ensino da Libras e suas contribuições para a formação de psicólogos bilingues no Campus I da Universidade do Estado da Bahia o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos. Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 28 de março de 2023

Assinatura e carimbo do
responsável institucional

Prof.ª Dr.ª Emile Cristina do Nascimento Costa
Diretora de ETECA/UNEB
Rua 4120, Salvador, BA, CEP 41200-000
Tel.: 3025580-0

Avenida Engenheiro Oscar Pontes, s/n 3º andar, sala 1 - Antigo prédio da Petrobras
Água de Meninos | Salvador - BA CEP 40460-120
Telefone: +55 71 3216-1330
e-mail: cepuneb@uneb.br
<http://portal.uneb.br/comitedeetica>

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DAS OFICINAS DE LIBRAS

Avaliação 01

Formulário de avaliação para participantes das oficinas de Libras

O quanto você achou relevante a Oficina? *

1 2 3 4 5

Pouco relevante Muito relevante

Em poucas palavras, como definiria a experiência? *

Texto de resposta longa

Deixe um elogio, sugestão ou crítica.

Texto de resposta longa

ANEXOS

ANEXO I - PROJETO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA E SOCIAL



PROJETO DE INTERVENÇÃO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
INTERVENÇÃO EDUCATIVA SOCIAL**

EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA

**A INSERÇÃO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA NO MUNDO DO
SILÊNCIO ATRAVÉS DA IMPLEMENTAÇÃO DE OFICINAS DE LIBRAS**

LINHA II: Novas Formas de Subjetivação e Organização Comunitária

**SERRINHA – BA
2022**

EMILE CRISTINA DO NASCIMENTO COSTA

**A INSERÇÃO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA NO MUNDO DO
SILÊNCIO ATRAVÉS DA IMPLEMENTAÇÃO DE OFICINAS DE
COMUNICAÇÃO EM LIBRAS**

Projeto de Intervenção apresentado ao Programa de Mestrado em Intervenção Educativa Social-MPIES, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientadora: Prof. Dr^a Cláudia Regina de Oliveira Vaz Torres

**SERRINHA – BA
2022**

INTRODUÇÃO

Este projeto de intervenção intitulado de A INSERÇÃO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA NO MUNDO DO SILÊNCIO ATRAVÉS DA IMPLEMENTAÇÃO DE OFICINAS DE LIBRAS do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES), parte de um diagnóstico realizado através do projeto de pesquisa, cujo tema é O ENSINO DA LIBRAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS BILÍNGUES NO CAMPUS I DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB).

O interesse por este projeto interventivo surgiu quando, em 2017, no segundo ano do curso de Psicologia, tive a oportunidade de iniciar um curso de Libras, devido ao meu interesse pessoal por conhecer de forma mais direta a língua de sinais. A partir deste momento, passei a notar que a minha formação como psicóloga não me capacitava a prestar serviços às pessoas surdas usuárias da Libras. Além disso, durante o curso quase nunca se discutia sobre a capacitação de psicólogos no atendimento aos surdos. Dessa forma, surge o projeto de pesquisa supracitado, o qual deu origem a este projeto de intervenção.

O projeto interventivo, no entanto, surgiu como uma reação na tentativa de promover maior aproximação de psicólogos em formação com a Língua Brasileira de Sinais. Para isso, o projeto tem como objetivo principal desenvolver oficinas de Libras com os estudantes de Psicologia da UNEB, Campus I, visando despertar a importância de uma formação bilíngue, a partir da perspectiva da inclusão social.

A proposta está fundamentada na perspectiva da abordagem qualitativa com objetivo exploratório, uma vez que tem o intuito de proporcionar maior familiaridade com o problema apresentado, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GIL, 2008). Na etapa do trabalho de campo, a entrevista semiestruturada será utilizada como instrumento de coleta de dados, a fim de acessar informações que darão base para o planejamento das oficinas promovidas por meio da técnica dos grupos focais. Para isso, a metodologia que se aproxima da pesquisa-ação proporcionará um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986).

Por meio da vertente da Psicologia sócio-histórica (Bock, 2001) será possível realizar aproximações sobre a importância do ensino da Libras na formação de psicólogos, uma vez que a linguagem possui função fundamental na construção da subjetividade individual (Vygotski, 1991) sendo esta percepção indispensável na construção de uma psicologia mais inclusiva.

OBJETIVO GERAL

Desenvolver oficinas de Libras com os estudantes de Psicologia da UNEB, Campus I, visando despertar a importância de uma formação bilíngue, a partir da perspectiva da inclusão social.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Sensibilizar os participantes sobre a importância do conhecimento em Libras e dos estudos surdos durante a formação profissional;
- Potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia Inclusiva e suas implicações;
- Fomentar a comunicação em Libras dos participantes, a nível básico;

JUSTIFICATIVA

A história dos surdos no Brasil é marcada pela invisibilidade e exclusão resultantes dos padrões estabelecidos pela sociedade ouvinte, a qual compreende a surdez como uma deficiência, porém, para os surdos, trata-se de uma característica, que carrega consigo identidade própria, múltipla e multifacetada. Dessa forma, a luta da pessoa surda é em busca de acolhimento, respeito e, sobretudo, oportunidade de acesso a todos os serviços prestados na sociedade na sua língua natural – Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Este projeto de intervenção surge diante da necessidade de capacitar profissionais da área da saúde, sobretudo psicólogos, no atendimento às pessoas surdas. Apesar da Libras ter sido reconhecida como língua oficial dos surdos brasileiros no ano de 2002, através da Lei Nº 10.436, é notória a ausência da Língua no dia-a-dia das pessoas, especificamente nas áreas essenciais para o ser humano, como por exemplo, saúde e educação. Esta realidade se dá devido ao histórico de

discriminação pautado numa concepção de modelo médico, que sempre classificou o surdo como “enfermo”, descrevendo-o, então, como “incapaz”, “anormal”, “defeituoso”, “impossibilitado” (DALCIN, 2009), logo tudo que se refere à cultura surda é visto como ínfimo e desnecessário, principalmente, a língua sinalizada.

De acordo com Strobel (2007), a luta do povo surdo em defesa da sua cultura é diária e árdua. Os padrões estabelecidos pela sociedade ouvinte diverge da realidade experienciada pelos surdos. Enquanto a surdez é entendida como deficiência por parte da sociedade, para os surdos não passa de uma característica, a qual deve ser aceita e respeitada pelas pessoas que ouvem. Esse fato fundamenta a compreensão dos surdos de que eles possuem uma identidade própria, as quais são múltiplas e multifacetadas.

A compreensão inadequada da sociedade sobre a cultura surda expressa nitidamente a importância que é dada a LIBRAS. O fato cruel é que, para os ouvintes, a língua de sinais não passa de alguns gestos bonitos e expressivos, gerando grande desconforto para os surdos, os quais vêm na LIBRAS a oportunidade de serem livres: surdos e felizes ao mesmo tempo. Partindo desta premissa, a psicologia inclusiva desempenha o papel de grande valia, uma vez que tem por objetivo pensar e desenvolver ações voltadas ao acolhimento deste público, atendendo às suas demandas de forma acessível.

O distanciamento entre os surdos e a sua língua própria acarreta muitas falhas, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento das estruturas emocionais, ocasionando “déficits” emocionais. Dalcin (2009) destaca no seu trabalho alguns estudos que constataram que, a privação da audição, por si só, gera isolamento, introspecção, irritabilidade, ansiedade, desmotivação, insegurança, dependência, pobreza de estruturas associativas e conceituais, prejuízo no desenvolvimento da personalidade e no processo de identificação, dentre outros, suscitando características emocionais consideradas patológicas, as quais influenciam diretamente no desenvolvimento global dos surdos.

Diante do fato supracitado, é evidente que a língua de sinais se apresenta com recurso indispensável para inclusão social de pessoas surdas, no entanto, uma vez que a grande maioria das pessoas ouvintes não têm conhecimento da Libras, a história de exclusão e discriminação da pessoa surda é perpetuada, tornando-a mais vulnerável ao surgimento de déficits emocionais (DALCIN, 2009; DA COSTA, 2020).

Nota-se que a exclusão social da pessoa surda se configura como um fator de adoecimento emocional, podendo gerar transtornos psicológicos graves já que a interação social se constitui como um aspecto fundamental para o desenvolvimento natural do ser humano. Desse modo, intervir junto aos estudantes de psicologia, com o intuito de aproximá-los desta necessidade, se justifica a partir do viés da inclusão social, a qual impacta diretamente no desenvolvimento de estudos que tratam sobre os meios e ações utilizados como estratégias, a fim de possibilitarem que pessoas na condição de exclusão tenham oportunidades iguais de acesso à educação, bens e demais serviços, sobretudo, aos serviços da saúde. Logo, a capacitação de profissionais da área da Psicologia é premente, diante das necessidades apresentadas por pessoas surdas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Libras é uma língua completa e estruturada como tantas outras línguas (DE SOUZA; PORROZZI, 2017). De acordo com Strobel (2007), a língua de sinais é “uma das principais marcas da identidade de um povo surdo por ser uma das peculiaridades da cultura surda. É uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal”.

No Brasil, a língua de sinais da comunidade surda é a Língua Brasileira de Sinais ou – simplesmente – LIBRAS. No ano de 2002, a Lei Federal 10.436 foi sancionada, e então a Libras foi oficializada em todo território nacional (BRASIL, 2002). Esta lei reconheceu a Libras como meio de comunicação e expressão das pessoas surdas do Brasil, determinando que o poder público se empenhe no apoio e difusão do seu uso, que as instituições públicas prestem atendimento aos surdos em Libras e que os sistemas educacionais incluam o ensino da Libras como parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais nos cursos de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia e Magistério, nos Ensinos Médio e Superior (DE SOUZA; PORROZZI, 2017).

A Libras, portanto, não é um compilado de gestos ou até mesmo mímica, mas sim uma língua, já que possui estrutura gramatical peculiar e diversos níveis de abordagens, tais como: fonológico, morfossintático, semântico e pragmático. Portanto,

a Libras preenche todos os requisitos que a estabelece como uma língua, reconhecida pela linguística como viva e independente (RAMOS, 2004).

As especificidades da LIBRAS podem ser vistas através dos parâmetros que norteiam a língua. São, propriamente ditos, cinco parâmetros que fazem da Libras uma língua singular e eficaz na comunicação dos surdos, sendo eles – configuração das mãos, ponto de articulação, movimento, orientação, expressão facial e/ou corporal (RAMOS, 2004) – tal organização linguística reforça a importância de respeitar e validar a Libras como uma língua oficial e indispensável.

Através de uma perspectiva sócio-histórica apoiada por Bock (2001), compreende-se que o homem é um ser social, uma vez que a relação com o “mundo externo” – a sociedade – contribui diretamente para o desenvolvimento humano, e é a partir desta troca com o mundo objetivo/coletivo que a subjetividade individual é construída. Neste viés, a linguagem ocupa um papel de extrema importância, já que auxilia no processo de internalização da objetividade, o que permite a elaboração de sentidos pessoais. Partindo deste pressuposto, entende-se a importância da utilização da Libras como sua língua natural da pessoa surda, a fim de preservar a sua evolução global.

Vygotsky (1991), por meio da perspectiva sociointeracionista, aponta a importância destas relações sociais no que diz respeito à construção e manutenção do conhecimento, uma vez que, para desenvolver suas potencialidades, o ser humano necessita interagir em sociedade, ter as suas capacidades biológicas e habilidades estimuladas, para que possa se desenvolver de forma ampla, já que a sua aprendizagem não ocorre de forma solitária, mas é consequência de sua convivência em sociedade. Portanto, a linguagem possui um papel fundamental nas relações sociais, bem como no aprendizado, tornando-se um código utilizado nas trocas entre os indivíduos.

No caso das pessoas surdas, sabe-se que a comunicação não ocorre de forma oral, mas através de sinais e expressões faciais e corporais, sob uma perspectiva visuoespacial, por isso utilizam uma língua de sinais (DA COSTA, 2020). Quadros (2000), Skliar (2000, 2005) e Strobel (2007) explicam nos seus escritos que o “ser surdo” transcende a não capacidade de ouvir, pois trata-se de uma percepção diferente do mundo, sob uma ótica predominantemente visuoespacial, possuindo uma própria cultura e identidade e fazendo uso de uma língua de sinais ao invés do idioma

utilizado pela maioria. Seguindo esta perspectiva, compreende-se que a acessibilidade é um dos direitos básicos da pessoa com deficiência, e no caso da pessoa surda, a sua acessibilidade está em ter o acesso à sua própria língua materna (SILVA, 2016 apud DA COSTA, 2020).

A exclusão social sofrida pelas pessoas surdas só será superada a partir do momento em que a cultura do povo surdo for compreendida e respeitada pelos ouvintes. Strobel contribui para o entendimento do que, de fato, seria esta cultura tão peculiar quando elucida:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (2008, p. 22).

Hall (2004) aprofunda sobre como ocorre com as diferentes culturas, sendo a cultura surda o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais. É deste modo que se origina a identificação de pertencer a um povo distinto, caracterizado por compartilhar língua de sinais, valores culturais, hábitos e modos de socialização, sendo esta a representação que atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior.

Ainda na discussão sobre a cultura surda e suas características, é necessário compreender também a importância do reconhecimento da comunidade surda, a qual se define não por um espaço geográfico que ocupa, mas sim pelas relações em que a língua de sinais está presente. Logo, o território dos surdos é, na verdade, a sua própria língua, e este entendimento faz total diferença para a conscientização de pessoas ouvintes sobre a relevância da Libras.

Neste sentido, a proposta por uma formação bilíngue nos cursos de Psicologia, parte do sentido de diluir a visão do sujeito surdo como sendo um deficiente que utiliza da língua de sinais como mero recurso de acessibilidade, denotando um status inferior ao da Língua Portuguesa (MULLER, 2013). Desse modo, o entendimento sobre a formação bilíngue está relacionado à habilidade de usar as duas línguas (Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa), em diferentes graus de competência nas línguas, com desempenhos diferentes em função do contexto e do propósito

comunicativo, que neste caso, trata-se da promoção de serviços psicológicos com as pessoas surdas na sua língua natural.

A Libras é a primeira língua da maioria dos surdos do Brasil, e não deve ser considerada como uma língua falada por pessoas “deficientes”, uma vez que, do ponto de vista da natureza humana, não há nada que os impeça de existir como os ouvintes, se tiverem a língua de sinais como acesso principal de comunicação e via de aprendizado. A postura segregadora, no entanto, não provém dos surdos, mas sim das pessoas ouvintes que não aceitam as suas especificidades e necessidades (CAMPELLO, 2012).

Pensar na formação de psicólogos bilíngues, ainda durante a graduação, é verdadeiramente uma ação inclusiva, pois garantirá aos surdos o acesso pleno aos serviços psicológicos na sua língua materna, assegurando-os de seus direitos como cidadãos, além de contribuir com o combate à exclusão social da comunidade surda.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa-ação foi o tipo de pesquisa escolhido para este projeto de intervenção, pois permite que o pesquisador desempenhe um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas (THIOLLENT, 1986). De acordo com Thiollent (1986), esta estratégia metodológica exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo.

As oficinas de comunicação em LIBRAS foram pensadas no formato de grupo focal, uma vez que consiste em reuniões com um pequeno número de participantes. O intuito é, por meio deste grupo de discussão, focalizar a temática selecionada, promovendo a participação de todos e aprofundando a discussão (MINAYO, 2011). Ao final das oficinas, o produto elaborado será um relatório técnico sobre as atividades realizadas, o qual se destinará ao colegiado do curso de Psicologia, na UNEB-Campus I, com o propósito de ser reaplicado.

O *locus* onde acontecerá a pesquisa será o Campus I, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o qual está localizado no bairro do Cabula, em Salvador-Ba. O campus conta com os Departamentos de Educação (DEDC), de Ciências Exatas e da Terra (DCET), de Ciências Humanas (DCH) e de Ciências da Vida (DCV),

sendo o primeiro a ser implantado pela instituição para o cumprimento da missão de produzir, difundir, socializar e aplicar o conhecimento nas diversas áreas do saber.

Os participantes da pesquisa são estudantes do Curso de Psicologia pertencente ao Departamento de Educação (DEDC1), que oferta atualmente os cursos de: Pedagogia (Licenciatura Plena); Pedagogia com ênfase em anos iniciais do ensino fundamental; Pedagogia em Educação Infantil; em Gestão escolar. O departamento conta ainda dos cursos de: Psicologia (Bacharelado); Filosofia (Licenciatura); e Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado). Estão vinculados ao departamento três programas de pós-graduação: em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC); em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (Gestec); e em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA).

Em relação à estrutura do departamento, este possui salas de aulas com equipamento de projeção multimídia e computador com acesso à internet, além de possuir laboratórios de computadores com ferramentas para desenvolvimento das diversas atividades vinculadas aos cursos da graduação e pós graduação. O departamento dispõe de dois auditórios, sendo um na graduação com capacidade para 100 pessoas e o outro, na pós graduação, com capacidade para 50 pessoas, ambos com sistema climatizado além de projeção multimídia, som, microfone e acesso à internet.

AVALIAÇÃO

O processo de avaliação se dará por meio de um questionário simples e objetivo, a fim de que os participantes exponham a sua percepção sobre as ações realizadas, além da observação realizada pela própria pesquisadora, a qual fará registros escritos no seu diário de campo. Também, por meio da manifestação oral, os participantes serão indagados e poderão tornar claras suas impressões sobre cada oficina, de forma que isto auxiliará na constatação sobre a viabilidade das atividades propostas, bem como se os objetivos das temáticas foram compreendidos e, ainda, no planejamento para a execução de novas intervenções.

QUADRO DE OPERACIONALIZAÇÃO DAS OFICINAS PROJETO DE INTERVENÇÃO: A INSERÇÃO DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA NO MUNDO DO SILÊNCIO ATRAVÉS DA IMPLEMENTAÇÃO DE OFICINAS DE LIBRAS				
OBJETIVO ESPECÍFICO	META	ATIVIDADE	RESPONSÁVEIS	PRAZO DE EXECUÇÃO (MESES)
1ª e 2ª Oficinas: Sensibilizar os participantes sobre a importância do conhecimento em Libras e dos estudos surdos durante a formação profissional.	Fortalecer em 50% dos participantes a importância da aproximação da Psicologia com a comunidade surda brasileira, através da exposição sobre a luta do povo surdo e sua exclusão social.	Apresentação do projeto de pesquisa/ Leitura do TCLE e esclarecimento sobre o documento. Realização de uma oficina (01) com os estudantes participantes. Abertura da oficina com dinâmica de apresentação; em seguida vídeo do poema "A dor do Silêncio"; relatos de surdos sobre a luta pela inclusão social; apresentação em PowerPoint sobre os principais marcos e conquistas dos surdos brasileiros; mitos e verdades sobre a Libras. Sistematização da oficina: Google Forms Avaliação da oficina	A própria Pesquisadora: Emile Cristina do Nascimento Costa	02 horas
3ª e 4ª Oficinas: Potencializar, entre os estudantes, discussões sobre a Psicologia Inclusiva e suas implicações;	Coletar informações de 100 % dos estudantes sobre o que eles conhecem sobre identidade, cultura surda, Língua de Sinais e Psicologia Inclusiva.	Abertura: Saúde mental e Libras Apresentação de materiais sobre a exclusão social e os impactos na saúde mental de pessoas surdas; discussão sobre a importância da Libras para a construção de uma Psicologia mais inclusiva. Sistematização das oficinas: Google Forms Avaliação da oficina	A própria Pesquisadora: Emile Cristina do Nascimento Costa	02 horas
4º e 5º Oficinas: Trabalhar, a nível básico, a comunicação em Libras dos participantes.	Estimular os participantes a aprenderem sinais básicos para uma comunicação inicial com pessoas surdas, por meio da utilização da Libras.	Abertura da oficina: Poema em Libras – "Quer trocar?". Apresentar sinais básicos da Língua Brasileira de Sinais: cumprimentos; dias da semana; números; verbos principais... Sistematização da oficina: Google Forms Avaliação da oficina	Emile Cristina do Nascimento Costa (pesquisadora) e Thaiana Ferreira (Tradutora e Intérprete de Libras).	02 horas
6º Oficina: Desenvolver uma oficina para	Produzir em até 50% a		A própria pesquisadora:	02 horas

recolha das percepções sobre a formação profissional de psicólogos.	sistematização de sugestões para serem introduzidas na produção no produto final.	A sexta oficina será um momento de os estudantes expor o que pode ser feito por eles, a fim de inserirem a Libras dentro da sua formação profissional ainda durante a graduação.	Emile Cristina do Nascimento Costa	
---	---	--	------------------------------------	--

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se, com esta intervenção, promover maior aproximação dos estudantes de Psicologia da UNEB (Campus I) com a Língua Brasileira de Sinais, contribuindo para a formação de futuros psicólogos bilíngues na cidade de Salvador-Ba. Acredita-se que com tal mobilização será possível sensibilizar e conscientizar os participantes sobre a importância da Libras para a formação de profissionais da saúde, sobretudo, psicólogos. Por meio das oficinas que serão realizadas, será possível construir um relatório técnico como produto final deste projeto de intervenção, o qual será entregue ao colegiado do curso de Psicologia, podendo, assim, gerar impactos positivos no que diz respeito à reflexão sobre os currículos do curso, que embora sejam alicerçados nas temáticas sobre os direitos humanos e diversidade, ainda não oferecem a formação em Libras durante o percurso formativo.

CRONOGRAMA

ANO/MÊS ATIVIDADES	2022												2023									
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O
Autorizações para as intervenções - Diagnóstico									X	X	X											
Elaboração do projeto de intervenção e plano de ação									X	X	X	X										
Aplicação do Projeto														X	X	X						
Sensibilização																X						
Realização da intervenção																X	X					

SKLIAR, Carlos *et al.*. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: **Mediação**, p. 7-32, 2005, 3ª ed.

SKLIAR, Carlos; QUADROS, Ronice. Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos. **Estilos da Clínica**, v. 5, n. 9, p. 32-51, 2000.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. **Estudos Surdos II**. Petrópolis: **Arara Azul**, p. 18-37, 200

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez editora, 1986.

VYGOTSKI L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.